

Carta do Porto Santo

A cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia

Preâmbulo

- a) A *Conferência do Porto Santo*, no âmbito da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, propõe esta *Carta do Porto Santo* como um mapa orientador de princípios e de recomendações para aplicar e desenvolver um paradigma de democracia cultural na Europa.
- b) A *Carta do Porto Santo* dirige-se a decisores políticos europeus, de todos os níveis (autoridades europeias, governos nacionais, regionais e locais); às organizações e instituições culturais e educativas; e aos cidadãos europeus, para que se responsabilizem pelo horizonte cultural comum.
- c) Na sequência do *Plano de Ação para a Democracia Europeia* (Comissão Europeia, 2020), pretende-se explicitar e promover o papel do sector cultural no aprofundamento da democracia.
- d) Em contexto pandémico, a Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia assumiu no seu programa «promover a recuperação, a coesão e os valores europeus» (Europa Resiliente); «valorizar e reforçar o modelo social europeu» (Europa Social) e «promover uma Europa aberta ao mundo» (Europa Global). O sector cultural não pode ficar afastado destes objetivos comuns, é parte determinante dessas tarefas inacabadas, porque a cultura tem um poder transformador.
- e) A pandemia Covid19 evidenciou a importância da cultura para a qualidade das nossas vidas, mas contribuiu também para erguer barreiras a muitos níveis, entre os quais no acesso à cultura. O reforço da democracia na Europa implicará deitar abaixo esses muros e remover os obstáculos à participação, tornando-a o mais ampla possível. As desigualdades que a pandemia expôs, as fragilidades do sector cultural e a propensão ao surgimento de tensões sociais, exigem que as manifestações culturais sejam valorizadas como parte do desenvolvimento sustentável do projeto europeu.
- f) Esta Carta é devedora de muitos autores e de documentos estratégicos anteriores sobre direitos culturais e o impacto social da cultura¹: a começar pelo Artigo 27º da *Declaração dos Direitos Humanos* (ONU, 1948): «todos têm o direito a livremente participar na vida cultural da comunidade (...)».

¹ Entre esses documentos, salientamos, já deste século, a Convenção de Faro (Conselho da Europa, 2005), as Key Competences for life-long learning (European Commission, 2007), a Declaração de Seoul (UNESCO, 2010), o Indicator Framework on Culture and Democracy (Council of Europe, 2016), a New European Agenda for Culture (2018) e a Carta de Roma (UCLG, 2020).

- g) Esta Carta é o resultado de um processo de escuta, de discussão e de colaboração, com a participação de representantes dos estados-membros da União Europeia e das Instituições, Associações e Redes europeias do sector cultural e educativo². O conteúdo (democracia cultural) e a forma (processo de pensamento colaborativo) constituem, assim, uma unidade.
- h) Apresentada no Porto Santo³, região ultra-periférica europeia assumida como centro de irradiação de propostas de política cultural e educativa, propomos que esta Carta seja um farol para orientar as políticas, os discursos e as práticas culturais e educativas, contribuindo para uma Europa mais plural, inclusiva e segura.

² Na discussão da Carta do Porto Santo participaram representantes dos seguintes países: Áustria, Bélgica – Governo da Comunidade Flamengo, Bélgica – Governo da Comunidade Francófona, Bulgária, Chipre, Croácia, Eslováquia, Eslovénia, Finlândia, Grécia, Hungria, Lituânia, Luxemburgo, Noruega, República Checa, Roménia e Suécia. Participaram também representantes das seguintes organizações: ACEnet, Culture Action Europe, ECCOM – European Centre for Cultural Organisation and Management, EFC – European Foundation Centre, ENCC – European Network of Cultural Centres, ENO – European Network of Observatories in the Field of Arts and Cultural Education, European Cultural Foundation, Europeana, ICOM Europe, ICOM Portugal, ICOMOS Portugal, InSEA – International Society for Education Through Art, Interarts, ITAC – International Teaching Artists Collaborative, Michael Culture, NEMO – The Network of European Museum Organisations, TEH – Trans Europe Halles e WAAE – World Alliance for Arts Education.

³ *Conferência do Porto Santo. Da democratização à democracia cultural: repensar instituições e práticas.* 27 e 28 de Abril de 2021, Porto Santo, Madeira – Portugal.

1. A saúde da democracia e o papel da cultura

A democracia e os perigos que a ameaçam são, novamente, questões centrais nas nossas sociedades. É fundamental avaliar criticamente os modelos de democracia que implementamos e pensar em modos de intensificar e ampliar a participação dos cidadãos, para legitimar as instituições e os processos de decisão. A democracia deve ser continuamente avaliada a partir das suas consequências. É um processo, um movimento, mais do que uma condição estática e permanente.

A democracia é uma metodologia social dinâmica, uma forma de funcionamento e de partilha do poder. Nela valorizam-se os interesses e as necessidades de todos os cidadãos; dá-se-lhes voz e possibilidade de escolha; respeita-se a diversidade e valoriza-se a dissensão. O estilo próprio da democracia é o confiar na inteligência cooperativa da comunidade.

É fundamental que a democracia não seja vista como uma dimensão especializada do sector político, tem de ser uma preocupação transversal aos vários sectores sociais. Podemos viver num estado democrático e, no entanto, as diferentes dimensões e instituições da vida comunitária permanecerem autoritárias. Neste sentido, é necessário promover uma concepção de cidadania cultural baseada no pluralismo: no reconhecimento da multiplicidade de vozes e na valorização das diferenças. Interpretações redutoras e unívocas da identidade cultural são perigosas, uma negação da visão democrática, inclusiva e aberta das culturas.

Como consolidar a democracia na esfera cultural? Que relações de poder se estabelecem nas instituições e nas práticas culturais e educativas? Como pode a participação cultural ajudar a emancipar os cidadãos? As instituições culturais, os seus processos e modos de organização, o que valorizam e propõem, tem consequências na saúde democrática de uma sociedade.

2. Democratização da cultura e Democracia cultural

As palavras importam, têm uma história e incarnam ideologias, mesmo de forma inconsciente, e por isso é fundamental analisar o discurso que usamos, porque novos contextos exigem novas perguntas e outras respostas. E quando novas situações não encontram a resposta adequada no paradigma dominante (a matriz de pressupostos partilhada por uma determinada comunidade, que estrutura e orienta o pensamento e a ação), é preciso reformulá-lo.

Cultura

A definição da palavra cultura, nesta Carta, não quer ser demasiado ampla (tudo é cultura), nem restrita em demasia (apenas a cultura erudita, das belas-artes e do grande património). Entendemos cultura no plural, como um conjunto de sistemas simbólicos nos quais estamos inseridos e que nos ajudam a dar um sentido à experiência (pessoal e coletiva) e uma forma humana ao mundo, determinando o horizonte de possibilidades em que nos movemos. As culturas materializam-se nas manifestações simbólicas, artísticas e patrimoniais das comunidades, envolvendo a tradição herdada e a criação contemporânea. As culturas são um processo criativo coletivo contínuo, em que estão envolvidos todos os grupos de uma determinada sociedade. As culturas são uma tarefa infinita: que recebemos em herança e que continuamos a trabalhar (conservando e inovando) para transmitirmos às gerações seguintes (que continuarão esse processo).

Ao pensar a cultura, as perguntas sobre quem a faz, como é feita e para quem, são essenciais para tomarmos consciência do que reconhecemos e valorizamos como cultural. O que é apoiado pelas políticas públicas, o que programamos e divulgamos, depende, em larga medida, desse entendimento.

Democratização da cultura

O paradigma «Democratização da cultura», estruturado no final dos anos 1950⁴, propõe tornar acessíveis, ao maior número de pessoas, as obras-primas da humanidade e, em primeiro lugar, as do país em causa; aproximar o público do património cultural e favorecer a criação de obras de arte para enriquecer esse património. A «Democratização da cultura» pressupõe, assim, uma visão bem-intencionada, mas descendente (*top-down*) — e pensada no singular (a Cultura). Esta visão hierarquiza a cultura em erudita, de massas e popular, sendo a erudita aquela que merece ser «democratizada», difundida «para todos», porque é a que tem «qualidade». Este paradigma, no entanto, não problematiza a arbitrariedade da noção de cultura (associada às belas-artes e ao património histórico), e a sua aparente homogeneidade, nem as noções de qualidade e excelência, ignorando que os critérios são convenções epocais, grupais, subjetivas e variáveis.

Neste paradigma a hierarquização cultural desvaloriza, não só as práticas culturais, mas os próprios cidadãos — olhados como consumidores, tratados como desiguais e excluídos da função de agentes de cultura. É fundamental compreender, no desenvolvimento de políticas culturais, que hierarquizar valores culturais implica, sempre, formas de poder e de autoridade — de que é preciso estar muito consciente.

A difusão cultural descendente não teve os resultados esperados. Os obstáculos não são apenas financeiros ou físicos (ainda que estes sejam determinantes, permanecem), nem de divulgação ou de conhecimento. Os obstáculos são simbólicos e de sentido de pertença. Nem mesmo a escolaridade foi condição suficiente para ultrapassar essa barreira simbólica. Cristalizaram-se as hierarquias sociais no acesso aos bens culturais. É preciso pensar de outro modo, desenhar outro paradigma.

Democracia cultural

«Democracia cultural» é um modelo cultural que, tendo raízes nos anos 1960, ganha preponderância em alguns projetos na década de 1980, e que advoga a criação de condições para uma participação mais ativa e o reconhecimento das práticas culturais dos diferentes grupos sociais. A «Democracia cultural» implica um novo modo de relações entre as instituições e as comunidades: a cultura como um espaço aberto onde cada cidadão pode participar e ser responsável. Este paradigma implica uma mudança de atitude e um deslocamento da relação de consumo para a do comprometimento. Recusa a menorização dos cidadãos e dos públicos não conotados com as elites, valorizando o que cada um sabe, as suas tradições, a sua voz. Não «leva cultura» aos territórios, porque em todos os territórios já existe cultura: valoriza a cultura local e complementa-a com outras expressões culturais, abrindo a experiência local ao universal, e estimulando esse diálogo.

A vontade de preservação da diversidade cultural e de proteção dos direitos culturais afirma-se como uma alternativa à globalização económica e cultural. Implica a valorização de culturas e públicos distintos e reconhece o direito de emancipação e empoderamento dos cidadãos como sujeitos culturais ativos: com a possibilidade de participarem e decidirem a vida cultural das comunidades. Para isso, é preciso dar acesso aos meios de produção cultural e democratizar os processos de decisão. Deve garantir-se a pluralidade na produção cultural e na sua difusão, não apenas no acesso. Assim, a democracia cultural favorece a pluralização, a territorialização das decisões e a partilha do poder.

⁴ Este paradigma é, habitualmente, associado à criação do Ministério dos Assuntos Culturais francês, em 1959, e à ação de André Malraux que inspirou e deu origem a uma primeira vaga de políticas culturais em muitos outros países.

3. Diferença e complementaridade dos dois modelos culturais: para uma cidadania cultural plena

Os dois paradigmas dão origem a distintas políticas culturais e a diferentes modos de funcionamento das instituições. Promovem consciências e representações sociais diferenciadas do que é e de quem pode produzir cultura. No entanto, podemos articular os dois paradigmas, em complementaridade. O conhecimento e o acesso às grandes obras da humanidade, do passado ou contemporâneas, não se deve opor à participação no ato criativo ou à valorização de diferentes tradições e de novas narrativas. Mas é fundamental refletir no modo como um modelo tem como pressuposto uma desigualdade que se quer reduzir, um deficit; e o outro uma igualdade que se reconhece e confirma. Esta igualdade exige direitos e deveres, meios e recursos, para ser concretizada. «Cidadania cultural» é o exercício desses direitos e deveres culturais.

O ponto de partida da Democracia cultural é a verificação da igualdade entre os detentores do poder institucional e os cidadãos. Pressupor, à partida, que essa igualdade só estará no fim do processo, é manter sempre a pretensa desigualdade original. É fundamental tomar consciência do poder que se exerce quando se criam instituições, se faz programação, se distribui financiamento, se organizam exposições e o acesso a elas. É prioritário garantir a acessibilidade integrada nas instituições culturais, quer na relação com as comunidades, quer na sua organização interna. É preciso negar todas as utilizações da cultura como sinal de distinção social, recusar hierarquizações estigmatizantes, que funcionam como violência simbólica de um grupo social com poder sobre outros, que se sentem deslocados, excluídos e não representados.

A Democracia cultural implica uma atenção multidimensional à formação de públicos, e o abandono da noção de público no singular. Um passo fundamental para que as instituições possam democratizar-se é conhecer os públicos — os que existem e os que poderão existir. Caso contrário, formam-se ideias e imagens ilusórias que existem apenas enquanto representações dos responsáveis institucionais. As organizações culturais não representarão as comunidades que devem servir se não as conhecerem, do mesmo modo que não poderão convocá-las para a participação, sem saber e valorizar o que já são, aquilo que sabem e vivem. Temos de transformar as «ins-tituições» em «ex-tituições», lugares abertos e de relação, em saída de si; e as audiências em protagonistas com voz, e não meros figurantes.

No entanto, na defesa da Democracia cultural não se pode cair no erro de recusar a tradição artística e as manifestações patrimoniais da humanidade, nem num relativismo em que tudo se amálgama, sem critérios. É um exercício complexo, em que o populismo fácil pode conduzir a uma hipervalorização das identidades culturais locais ou específicas, confirmando apenas as expectativas e sem abertura de novos horizontes. A cultura é um modo de sair de si e colocar-se no lugar do outro.

O voluntarismo é também um perigo: julgar que não é preciso preparação, nem mediação, nem conhecimento dos códigos das práticas culturais e dos públicos, assumindo que todas as experiências culturais, populares e eruditas, são auto-explicativas.

Também não podemos confundir Democracia cultural com a participação física. A relação com as manifestações culturais não precisa de ser «participativa», do ponto de vista físico, para ser significativa. Ser espectador ou fruidor (e aprender a sê-lo) é um dos aspetos determinantes dessa participação.

Outra questão a ter em atenção, é a possibilidade de conflito entre os conceitos «excelência» e «qualidade» nas visões da Democratização da cultura e da Democracia cultural. Em primeiro lugar, é preciso compreender a ambiguidade e polissemia desses conceitos. Depois, que a excelência ou qualidade não está apenas no produto, mas pode ser encontrada no processo, na relação estabelecida entre obra e público, no envolvimento afetivo e intelectual que permite, na criação de competências, na alteração de comportamentos. Podemos manter o objetivo da excelência, mas é preciso ser inclusivo e aberto na escolha das equipas que definem essa excelência. O sistema de qualidade não pode ser uma forma de reforço e reprodução de desigualdade, de distinção social e de gosto elitista. A compreensão de que a qualidade é uma construção cultural deve ser estimulada e debatida — e uma forma de participação franca numa democracia é abrir esse debate.

Se a Democracia cultural implica a participação de cada um em prol da cultura de todos, não pode deixar de ser, também, a valorização do indivíduo, da sua capacidade pessoal de intervenção no mundo, do seu potencial criativo e deliberativo individual, da sua liberdade de expressão. As políticas culturais deverão atender a esta liberdade criativa.

4. Cidadania cultural e territórios digitais

Se a Cidadania cultural é o exercício dos direitos e deveres culturais, os territórios digitais devem ser compreendidos como mais um meio, e um meio com possibilidades próprias, para ampliar essa participação e produção cultural. Como qualquer outro meio, a sua utilização dependerá do paradigma que seguirmos e dos objetivos que desejarmos alcançar. Poderá ser, meramente, um meio de divulgação cultural, dirigida a consumidores, ou, indo mais longe, ser um espaço aberto de interação, apropriação e promoção da democracia cultural, até do ponto de vista da criação: há património a ser criado neste território.

O digital é, também, uma ferramenta que facilita processos de colaboração dentro das instituições e entre estas e os cidadãos, compreendidos como colaboradores. As ferramentas digitais são úteis para escutar as pessoas e as comunidades, e até para as envolver na definição das políticas culturais.

No entanto, o território digital, como a atual pandemia veio demonstrar, é também espaço de exclusão. Não podemos deixar de pensar em soluções para mitigar essas barreiras que este território impõe. Capacitar para a cidadania cultural implica também desenvolver, a montante, políticas de acesso, inclusão e literacia digital. Os fenómenos de desinformação, de ataque a expressões culturais específicas ou minoritárias, bem como de privatização do espaço digital, devem ser acautelados.

5. Cidadania cultural e educação

Para promover a cidadania cultural, temos de colocar a cultura, entendida deste modo plural e participado, no coração das políticas educativas, e a educação no centro das políticas culturais. Para que cada um possa participar na cultura de todos, de forma emancipada, tem de ter condições para que isso aconteça.

É decisivo reconhecer as instituições culturais como território educativo — do mesmo modo, que as escolas são polos culturais. Com este propósito, as instituições culturais não podem deixar de reforçar o seu papel educativo, assumido na sua missão e espelhado na sua estrutura, nos seus recursos e nas suas práticas. No mesmo sentido, alinhada com o modelo de democracia cultural, a escola deve valorizar as especificidades individuais, culturais, territoriais, e possibilitar que todos os alunos tenham acesso a variadas experiências artísticas e manifestações culturais ao longo da vida; que possam ver reconhecida a sua identidade cultural e valorizadas as expressões culturais da sua comunidade; que tenham acesso aos patrimónios e consciência da sua necessária salvaguarda; que ao longo do seu trajeto desenvolvam a criatividade e a imaginação, a sensibilidade estética e o pensamento crítico; que conheçam e efetivem os seus direitos e deveres culturais; e que descubram a sua própria forma de participação ativa na cultura de todos.

A preocupação com o futuro da democracia, ou seja, com o futuro da Europa, tem de nos conduzir a dar voz e a escutar as gerações mais novas, torná-las participantes no governo de todos — a começar pela sala de aula e a escola, mas também representados nos conselhos consultivos das instituições culturais — e a integrar como iguais e sem desconfiança as linguagens artísticas destas gerações.

A grande arma da democracia é fazer emergir questões e debatê-las. Abrir a mesa da discussão, sem excluir, sem medo do dissenso ou do contraditório. «Cidadãos empenhados, informados e capacitados são a melhor garantia de resiliência para as nossas democracias», como afirma o *Plano de ação para a democracia europeia*. A educação, seja formal, informal ou não-formal, é o laboratório da democracia.

Recomendações

Para podermos exercer o direito à participação na cultura, são necessárias condições imateriais e materiais para assegurar que uma liberdade substantiva exista, para que cada cidadão e cada comunidade possam escolher participar e responsabilizar-se pelo horizonte cultural de todos. Para desenvolver esta cidadania cultural promotora da democracia, apresentamos propostas interligadas e dirigidas aos diferentes agentes do ecossistema cultural, nas suas diferentes escalas, e pensadas de forma sistémica.

Aos decisores políticos:

1. Propor que os princípios e valores da Democracia cultural sejam reforçados nos objetivos e medidas de política pública cultural e educativa dos Estados-Membros da União Europeia.
2. Aprofundar o desenvolvimento de planos de ação intersectoriais de educação e cultura, respondendo aos desafios e ao potencial criativo de uma Europa mais diversa, inclusiva e democrática.
3. Reforçar as condições necessárias e criar planos de ação de longo prazo para que os cidadãos possam exercer os seus direitos e deveres culturais: valorizando a diversidade cultural; capacitando-os e dando-lhes voz e poder de decisão; envolvendo-os na criação de políticas culturais e na programação das organizações culturais; promovendo o acesso e a possibilidade de participação na produção e divulgação cultural; responsabilizando-os pelo horizonte cultural comum. As ferramentas digitais oferecem mais uma oportunidade para a concretização destes objetivos.
4. Desenhar um *Índice de Democracia Cultural*, para monitorizar programas de promoção da democracia cultural e a governação, os processos e as práticas que as instituições promovem para assegurar a diversidade multicultural, a participação social alargada e a capacitação cultural dos cidadãos, valorizando outros critérios que não só os quantitativos — em conformidade com o *Quadro de Indicadores sobre a Cultura e a Democracia* (Conselho da Europa, 2016).
5. Financiar as organizações culturais para que possam criar condições concretas que promovam a democracia cultural.
6. Assegurar que o espaço digital é um espaço público para o exercício da democracia cultural.
7. Promover a participação de grupos sub-representados, com base em investimento que seja: i) decidido por júris representativos da diversidade que se quer apoiar ii) pautado por critérios de qualidade baseados em parâmetros de acessibilidade, inclusão, diversidade e igualdade, iii) facilitador de processos de longo prazo e que permita o envolvimento direto das comunidades na sua concretização.

8. Mapear as instituições culturais públicas, os organismos do terceiro sector e os agentes culturais — incluindo os coletivos informais — que trabalham para a promoção de uma cultura participativa. Este mapeamento visa: i) dar a conhecer o que já está implementado em cada território; ii) construir uma rede, partilhar boas práticas e aprender mutuamente; iii) identificar o que pode ser melhorado e as formas mais adequadas para alterá-lo.
9. Multiplicar espaços de criação (*makerspaces*), salas de ensaio, ateliês e estúdios que promovam a experimentação, a produção e a criação, de modo autónomo e colaborativo.
10. Favorecer a emergência de projetos emancipatórios a partir da realidade dos contextos, capacitando os seus agentes.
11. Incentivar as atividades culturais amadoras e promovidas por organizações informais e não-profissionais.
12. Rever os currículos do ensino obrigatório, para garantir que promovem perspetivas culturais diversificadas.
13. Fomentar a introdução no currículo do ensino obrigatório e nas instituições de ensino superior, de forma transdisciplinar e integrada, as culturas, as artes e os patrimónios enquanto áreas fundamentais para o exercício de uma cidadania cultural, esclarecida e participada.
14. Criar programas de formação sobre democracia cultural e processos colaborativos nas áreas da mediação, criatividade, programação e para a responsabilização na salvaguarda dos patrimónios, no ensino profissional, no ensino superior e na formação contínua.
15. Introduzir, na formação inicial e contínua de educadores e professores, mais fruição de manifestações multi e transculturais, conteúdos e pedagogias centradas nas artes e nos patrimónios, que os capacitem para trabalhar o currículo de forma transdisciplinar e criativa, e promovam a compreensão e interiorização do paradigma da democracia cultural. Uma formação que lhes dê condições para promover nos alunos a aquisição de competências para a cidadania cultural, respeitando a pluralidade de expressões e valorizando as suas identidades culturais.
16. Promover competências digitais para ultrapassar a exclusão digital e assegurar neste meio o acesso a conteúdos de cultura, património e artes, oferecendo às pessoas a oportunidade de participar, criar e fruir experiências culturais online, em especial as que habitam em áreas remotas.

Às organizações culturais e educativas:

17. Reconhecer que as instituições culturais são territórios educativos e que as instituições educativas são polos culturais, promovendo a articulação de ações e projetos entre elas de forma estruturante e continuada.

18. Repensar as organizações culturais e educativas, no sentido de uma governação democrática: promover processos colaborativos dentro da organização; envolver os seus membros nas deliberações e implementar uma política interna de avaliação contínua, que permita aferir o progresso dos processos de mudança e de partilha de poder (aplicar o *Índice de Democracia cultural*).
19. Criar conselhos consultivos nas instituições culturais, convidando os membros das comunidades, em particular os mais jovens, para deles fazerem parte. O seu envolvimento nas questões da organização, da programação à mediação, contribuirá para que possam ser agentes culturais ativos e dinamizadores da missão da instituição junto dos seus pares. Os conselhos consultivos com membros das comunidades promovem ainda a colaboração com novos grupos e o aprofundamento das relações das instituições com aqueles a quem se dirigem.
20. Recorrer a profissionais externos de diferentes especialidades, para, em colaboração com os membros da instituição, promover a análise, planeamento e acompanhamento de processos de mudança que tornem a instituição inclusiva, diversa e acessível (a nível social, económico, intelectual, físico, sensorial).
21. Assegurar que as equipas das instituições culturais espelham a diversidade cultural das comunidades que servem (aplicar o *Índice de Democracia cultural*).
22. Promover, com regularidade, estudos de públicos para a recolha de dados que permitam adaptar as estratégias em prol da diversificação dos públicos.
23. Investir na acessibilidade das instituições e dos programas culturais, considerando as necessidades específicas das pessoas e das comunidades, as suas origens étnicas, religiosas, sociais e económicas, as deficiências físicas, sensoriais e intelectuais e outras necessidades relacionadas com a deslocação e os transportes.
24. Convidar programadores e artistas representativos da diversidade das comunidades para também assim promover a diversificação dos públicos.
25. Trazer para a programação e debate as questões sociais prementes, tornando as instituições culturais mais relevantes no debate contemporâneo e em protagonistas do desenvolvimento de consciências sociais e culturais mais atentas democráticas, diversas e igualitárias.
26. Promover nas instituições a pluralidade de vozes, de práticas, de formas de ver, interpretar e mediar a arte, a cultura e os patrimónios e, desta forma, multiplicar os pontos de vista sobre os bens, as coleções, as programações.
27. Confiar nos artistas e no seu pensamento divergente, trabalhar e aprender com eles em ambientes educativos, culturais e patrimoniais, para desenvolver competências criativas, inovar práticas e perspetivas metodológicas.
28. Sair da instituição para trabalhar na e com a comunidade, e desse modo chegar a públicos excluídos.

29. Comunicar os resultados dos projetos e processos de democracia cultural para dinamizar a disseminação de boas práticas, inspirando as pessoas e mobilizando as instituições.
30. Usar os meios digitais para a promoção da colaboração no seio das instituições, e entre as instituições e os cidadãos, enquanto colaboradores e participantes.

Aos cidadãos:

31. Reforçar o sentido de pertença à comunidade e a coexistência pacífica entre comunidades distintas, através da responsabilização de todos pelos patrimónios de proximidade, enquanto «bem comum» que importa não só conhecer e preservar mas questionar, refletir, discutir, aprender a reinterpretar e recontextualizar.
32. Conhecer os direitos e deveres culturais dos cidadãos, na perspetiva da democracia cultural, para os poder exercer, se assim desejar. Essa liberdade implica responsabilizar-se pelo desenvolvimento das suas competências culturais e pugnar pelas condições necessárias para o exercício dos seus direitos e deveres.
33. Reconhecer o património cultural de proximidade como património próprio e comprometer-se em ser um agente cultural que participa no processo de identificação, de salvaguarda, proteção, comunicação, reinterpretação desses patrimónios.
34. Colaborar com as instituições culturais, reconhecendo que a sua relevância também depende da participação ativa dos cidadãos.
35. Envolver-se em movimentos culturais associativos, reconhecendo a sua importância para a comunidade.
36. Participar nos debates e nas consultas públicas sobre políticas culturais e educativas.
37. Ser um agente cultural: o que implica expressar-se culturalmente e possibilitar que outros o possam fazer.
38. Respeitar a diversidade multicultural e os seus agentes e ser intransigente com discursos de ódio, preconceituosos e estigmatizantes.

**Convidamos todos os Estados Membros da UE
e as organizações colectivas a associarem-se a esta Carta.**

25 de Abril de 2021

A Conferência do Porto Santo

Carta de Porto Santo

Adenda dos Jovens

Caldas da Rainha /Loulé

2025

Preâmbulo

- a) A *Adenda dos Jovens à Carta do Porto Santo — Caldas da Rainha/ Loulé*, finalizada em 2025, constitui a mais recente etapa de um percurso iniciado em 2021, com a publicação da [Carta do Porto Santo](#).
- b) A Carta do Porto Santo foi promovida e coproduzida pelo [Plano Nacional das Artes](#) (PNA), Portugal, em colaboração com outras instituições, redes e ONGs europeias, enquanto instrumento político destinado a orientar a tomada de decisão em diversos níveis: governos europeus, administrações regionais e locais e entidades institucionais ou organizacionais, nas áreas da cultura e da educação. Esta Carta estabelece princípios, diretrizes e recomendações para a implementação e desenvolvimento de um paradigma de democracia cultural na Europa.
- c) A Carta foi apresentada na [Conferência do Porto Santo Da Democratização à Democracia Cultural: Repensar Instituições e Práticas \(27 e 28 abril, 2021\)](#), realizada na ilha do Porto Santo, Região Autónoma da Madeira e publicada no âmbito da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia. Foi dirigida aos decisores políticos europeus, às organizações culturais e educativas e aos cidadãos europeus.
- d) A *Adenda dos Jovens à Carta do Porto Santo — Caldas da Rainha/Loulé* tem como objetivo aprofundar os conteúdos da Carta do Porto Santo, incorporando a perspetiva dos jovens que vivem atualmente na Europa, tornando-a mais acessível e objetiva. Neste documento, o termo «jovens» abrange indivíduos entre os 16 e os 30 anos, incluindo adolescentes e jovens adultos, numa fase crucial de desenvolvimento pessoal e profissional. Os jovens assumem um papel central na construção das dinâmicas culturais e sociais, sendo as suas vozes e perspetivas essenciais para a formulação de políticas culturais mais inclusivas e democráticas.
- e) De acordo com o documento original, a Adenda dirige-se aos *decesores políticos europeus a nível das instituições europeias e a nível nacional, regional e local; às organizações e instituições culturais e educativas; e aos cidadãos europeus, para que assumam a responsabilidade pela sua paisagem cultural comum*. (Carta do Porto Santo, PmbL.).
- f) O processo que levou à criação da Adenda durou 22 meses e envolveu diversos eventos, como debates em conferências, um método de consulta, um relatório abrangente e uma residência de reflexão/*think tank*, designadamente: a Conferência Internacional *Youth — Action — Culture: Rumo à Democracia Cultural*, realizada nas Caldas da Rainha (novembro de 2023); a conceção e aplicação do método *Mandar a quem manda*; o relatório transdisciplinar *Tell Those in Charge* (2023-2024); e a residência de reflexão em Loulé (novembro de 2024). Este processo extenso reforça a convicção de que processo e conteúdo são indissociáveis — se a essência da Adenda é a democracia cultural, o seu processo de criação deve, por si só, ser democrático.

- g) A Adenda deu início a um processo colaborativo, envolvendo debates e uma consulta aos jovens, reunindo propostas de 291 participantes de 10 países europeus, de diferentes nacionalidades e origens (participantes no método *Mandar a quem manda*), bem como projetos, debates e conversas da Conferência Internacional *Youth — Action — Culture* (que reuniu 950 participantes) e relatórios elaborados por um grupo de oito observadores. Estas atividades sublinham a importância de diversificar e partilhar o poder, para fortalecer a ação democrática.
- h) A conceção e a redação deste documento foram realizadas por oito jovens europeus, oito especialistas europeus e quatro representantes de organizações parceiras.
- i) Sob a coordenação do [Plano Nacional das Artes](#), Portugal, as organizações que coproduziram a Adenda foram: o [LIDA — Laboratório em Design e artes/Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha](#) e a [Cátedra UNESCO Cátedra UNESCO em Gestão das Artes e da Cultura, Cidades e Criatividade do Politécnico de Leiria](#), a [OEI — Organização dos Estados Ibero-Americanos](#), e a [Câmara Municipal de Loulé](#).
- j) The *Adenda dos Jovens à Carta do Porto Santo — Caldas da Rainha/ Loulé* aprofunda os princípios da Carta do Porto Santo, em especial aqueles ligados ao modelo participativo de democracia cultural. Dá prioridade às propostas de ação imediata e oferece sugestões práticas para resolver problemas, exemplificando com projetos já implementados (ver a secção *Um Anexo Incompleto*).
- k) A Adenda propõe seis temas-chave, cada um devidamente contextualizado e seguido de propostas concretas de ação, passíveis de serem implementadas também pelos jovens.
- l) O nome da Adenda — Caldas da Rainha / Loulé — celebra duas cidades/territórios fundamentais neste processo, valorizando a descentralização cultural e a transformação de cidades do interior e periurbanas em centros de produção de políticas culturais.

1. Participação cultural e cidadania

Reconhecendo os pontos 2,4,5, 7, 8, 14, 19, 26, 29, 35 e 37 das recomendações da Carta do Porto Santo: As instituições culturais devem eliminar barreiras e investir num futuro que integre plenamente os jovens, valorizando a sua diversidade, posicionando-os no centro das decisões, ao promover uma representação autêntica e transformar o envolvimento num diálogo contínuo que acolha o desenvolvimento coletivo. Assim, os jovens podem comprometer-se com os direitos culturais, fortalecer a sua capacidade de ação e intensificar o seu ativismo em prol da cidadania cultural.

1.1 Mudar os métodos: Os métodos tradicionais podem não ser eficazes para cativar os jovens nas instituições culturais. Por isso, as instituições culturais devem implementar ativamente novas formas de envolvimento, colaboração e diálogo com estes públicos, que, por sua vez, devem ser encarados não apenas como visitantes ocasionais, mas como parte essencial da instituição. As suas contribuições podem desafiar as normas, envolvendo processos divergentes e a aceitação de riscos como elementos de um processo de aprendizagem coletiva.

1.2 Um lugar à mesa: Incluir os jovens em posições de decisão, nomeadamente como criadores de atividades e conteúdos culturais, assegura o compromisso e o impacto duradouro no exercício dos seus direitos culturais. É essencial que a participação represente, de forma justa, as comunidades jovens e seja acessível a indivíduos de diversas origens socioeconómicas e culturais.

1.3 Fora do radar: Há um desfasamento entre aquilo que os jovens consideram cultura e o que é tradicionalmente reconhecido como tal. Por isso, as instituições devem estar abertas a assumir riscos ao financiar e programar, valorizando formatos artísticos ou expressões culturais que ocorrem *fora do radar*, como novas manifestações, ainda que não se encaixem nos modelos tradicionais ou institucionais. O novo está a emergir e constitui um aspeto significativo da vida cultural para muitos jovens.

1.4 Os mediadores culturais como pontes: Os mediadores culturais têm o potencial de transformar relações e práticas. Os jovens mediadores culturais podem tornar os conteúdos e práticas culturais mais acessíveis, adaptando-os para que sejam cativantes, participativos e relevantes. Fazendo a ponte entre as organizações, as manifestações culturais e os públicos promovem a inclusão e fortalecem vínculos, assegurando que todos se sintam representados e integrados. As instituições devem criar oportunidades de trabalho para jovens mediadores culturais.

1.5 Financiamento e gestão sustentáveis: É preciso garantir que o financiamento destinado ao apoio aos jovens esteja integrado nos planos estratégicos de longo prazo das instituições. Além disso, é fundamental incrementar o financiamento global para projetos artísticos e culturais e promover uma maior responsabilização e transparência nos processos de atribuição, administração e gestão desses recursos.

2. Desigualdades no acesso à cultura

Reconhecendo os pontos 2, 6, 7, 8, 11, 19, 21, 22, 23, 24, 25, e 26 das recomendações da Carta do Porto Santo: Os decisores políticos, as instituições culturais e os líderes comunitários podem reduzir as disparidades entre as paisagens culturais urbanas, periurbanas e rurais, fomentando redes, requalificando espaços e assegurando o acesso universal às experiências culturais. Esta interligação territorial-cultural reflete a vontade de partilhar culturas que prosperam em diferentes contextos, enriquecendo as experiências de vida e ampliando os horizontes de compreensão, consciência interterritorial, agência cultural, produção e sentido de pertença.

2.1 Construir pontes, escavar túneis: Promover a criação e o alargamento das redes culturais existentes, bem como melhorar a mobilidade entre áreas urbanas, periurbanas e rurais, incentivando alianças inesperadas entre territórios e comunidades. Expandir essas redes, aproximando as periferias do centro e o centro das periferias, num cruzamento dinâmico que reconhece o direito de cada pessoa a desenvolver e viver no seu próprio *centro* cultural, no lugar ao qual pertence.

2.2 Culturização: Incrementar os orçamentos participativos para a cultura, geridos por administrações públicas, associações locais e comunidades intergeracionais, para fortalecer os direitos culturais e promover a cultura local.

2.3 Espaços Frankenstein¹ — dar nova vida: Os decisores políticos, a nível local, regional e nacional, podem requalificar edifícios públicos desativados, transformando-os em polos culturais com a participação ativa das comunidades locais. Estes espaços serviriam como locais onde criadores de diversas disciplinas, idades e origens culturais e socioeconómicas poderiam colaborar, cocriar e partilhar experiências.

2.4 De pequenino é que se torce o pepino: Uma vez que as experiências culturais mais marcantes têm origem no seio familiar ou escolar em idades precoces, os decisores políticos devem adotar medidas para facilitar e assegurar o acesso de famílias e grupos escolares a atividades culturais, nomeadamente através do acesso gratuito, ou da redução de preços, aos equipamentos culturais e artísticos e transportes.

2.5 Digitalizar para capacitar: Investir em recursos digitais e na criação de plataformas que facilitem o acesso às informações sobre conteúdos e programas culturais e artísticos, projetos participativos, formação e outras oportunidades.

2.6 Tudo, em todo o lado — acesso pleno à cultura: Melhorar, com urgência, a inclusão digital e a mobilidade física, tornar os transportes mais acessíveis e promover preços diferenciados com base em critérios que assegurem a igualdade de acesso à cultura.

¹ Campillos Sánchez-Camacho, Ana (Galaxxia). (2023). *Un texto-Frankenstein: alterando el lenguaje de la Gestión Cultural contemporánea*. Cultura y Ciudadanía. <https://culturayciudadania.cultura.gob.es/dam/jcr:5a9ec66c-124b-4caf-937c-32137b28febb/ana-csc.pdf>

3. Inclusão vs. hierarquias e elitismo

Reconhecendo os pontos 5, 7, 9, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28 and 38 das recomendações da Carta do Porto Santo: As instituições culturais devem empenhar-se em combater as hierarquias vigentes no setor cultural que perpetuam desigualdades ou exclusão, abrangendo desde definições elitistas de arte e cultura até às estruturas, valores, organogramas e políticas institucionais. Devem rejeitar rótulos como «alta» ou «baixa» cultura, pois criam barreiras e classificam implicitamente as diversas expressões culturais e os seus protagonistas.

As instituições culturais devem adotar uma inclusão radical, reconhecendo as vozes marginalizadas como fundamentais para a tomada de decisão sobre cultura e redefinindo o conceito de cultura como um espaço partilhado, onde todos pertencem e podem prosperar de forma autêntica.

3.1 O que não nomeamos não existe: Integrar os grupos historicamente marginalizados na narrativa geral é uma forma de legitimar os seus direitos culturais, transcendendo a polarização política — mulheres, *queer*, *trans*, negros, ciganos, pessoas de cor, desfavorecidos, migrantes, refugiados, neurodiversos, pessoas com deficiência, indivíduos de diversas origens religiosas ou étnicas, economicamente vulneráveis, de diferentes contextos territoriais, apátridas e outros grupos marginalizados. É crucial reconhecer a interseccionalidade dessas identidades diversas. Nomeá-los é uma maneira de afirmar a sua existência e relevância, destacando a verdadeira pluralidade do panorama cultural.

3.2 Inclusão orgânica: Frequentemente, a inclusão de grupos diversos parte de uma abordagem descendente, que representa os desequilíbrios de poder subjacentes sem valorizar plenamente os seus contributos. Para o reverter, é necessário estabelecer um quadro de orientações, regras e recomendações que tornem a inclusão um processo genuinamente orgânico, espelhado nas narrativas institucionais. Só assim será possível desmontar as dinâmicas hierárquicas nas instituições e avançar para formas horizontais e coletivas de representação. Não basta ser incluído nas estruturas existentes; é preciso integrar-se plenamente nos coletivos laborais e nas narrativas institucionais.

3.3 Criar espaços mais seguros: Desenvolver políticas de «espaços mais seguros», repensando e modernizando as estruturas físicas desses locais para responder às diferentes necessidades das pessoas. Contribuir para o melhoramento das instituições, através da colaboração com especialistas em diferentes áreas e em diálogo direto com aqueles que necessitam de apoio. É essencial que essa compreensão envolva todos os trabalhadores dos espaços culturais, fornecendo-lhes recursos formativos. Além disso, as instituições devem ser incentivadas a criar protocolos que orientem a atuação em casos de violação dos direitos humanos.

3.4 Distribuição equitativa dos recursos: As instituições culturais devem garantir uma distribuição equitativa de financiamento e recursos, priorizando o apoio a grupos historicamente marginalizados. Dar prioridade a essas comunidades no acesso a espaços e recursos culturais proporciona-lhes oportunidades concretas para criar, mostrar e sustentar-se economicamente com o seu trabalho. Uma solução é desenvolver espaços de criação acessíveis, equipados com as ferramentas essenciais para a produção artística e a participação cultural, em todos os territórios culturais². Assim podem utilizar livremente esses espaços para desenvolver o seu processo de criação artística, nas suas diversas expressões e formas, contribuindo para reduzir desigualdades persistentes de participação e visibilidade no setor cultural, enquanto se promovem manifestações artísticas e culturais.

3.5 Mentores para a capacitação dos jovens: Ampliar e reforçar o financiamento de programas de mentoria e redes de contacto para jovens trabalhadores culturais emergentes, com o objetivo de transformar o acesso e fomentar a participação diversificada no setor cultural. Estes programas ligam jovens artistas a mentores experientes, que oferecem orientação, aconselhamento e recursos para ajudá-los a iniciar e manter as suas carreiras. Tais iniciativas podem dotar os jovens criadores de competências essenciais, redes de apoio e incentivo, permitindo-lhes afirmar-se num setor muitas vezes restritivo, enquanto permanecem fiéis às suas paixões artísticas.

² A expressão *território cultural* refere-se a espaços onde a cultura é criada, partilhada e vivida, envolvendo a participação ativa das comunidades locais. Esses territórios podem incluir centros culturais, museus, teatros, e outros locais onde ocorrem atividades culturais e artísticas.

4. Cultura digital e desafios éticos

Reconhecendo os pontos 3, 6, 16 e 30 das recomendações da Carta do Porto Santo: As instituições culturais devem adotar uma postura ousada na construção de um futuro digital responsável — um futuro que capacite os jovens a envolver-se criticamente, a resistir às limitações impostas por algoritmos e a navegar na influência cultural da inteligência artificial com clareza ética, promovendo um uso equilibrado, inclusivo e sustentável do meio digital.

4.1 Conhecimento é poder e a literacia digital é crucial: Navegar no espaço digital pode ser desafiador. A falta de compreensão sobre o funcionamento das plataformas digitais e os estereótipos e desigualdades que estas perpetuam geram vulnerabilidade. É necessário que os utilizadores entendam a forma como imagens e conteúdos digitais influenciam as suas perceções e autorrepresentação. Equipar os jovens e os seus educadores com ferramentas para uma interação crítica com esses conteúdos dar-lhes-á maior discernimento.

4.2 As grandes falácias da IA: É preciso ser crítico em relação aos sistemas de inteligência artificial como agentes culturais! Com o uso crescente das ferramentas de IA, estas estão a tornar-se cada vez mais influentes na formação da cultura e da participação cultural, sobretudo entre os jovens. É importante reconhecer os riscos de uma representação cultural restrita e da desinformação. As instituições culturais têm a capacidade de orientar as gerações mais jovens para um uso crítico dessas ferramentas, promovendo educação e debates sobre o tema, os seus efeitos na saúde mental e a distinção entre realidade e ficção.

4.3 Assumir uma liderança ética: As práticas institucionais devem considerar o impacto ambiental e social do uso e desenvolvimento não éticos de ferramentas digitais e de inteligência artificial. O consumo de energia e água, a substituição de mão de obra e a falta de transparência inerentes ao desenvolvimento da IA são questões que precisam de ser discutidas, juntamente com a implementação de políticas éticas alinhadas com a estratégia institucional.

4.4 Do ecrã ao palco — equilibrar experiências digitais e presenciais: O mundo digital pode facilitar o acesso à cultura, mas é essencial preservar o equilíbrio entre interações presenciais e digitais. Encorajar as pessoas a deixar os ecrãs promove um estilo de vida mais equilibrado.

4.5 Chamem-nos — Quebrar as câmaras de ressonância: As instituições culturais devem incentivar os jovens a tornarem-se curadores ativos dos seus ambientes digitais, motivando-os a fazer escolhas conscientes, que ampliem as suas perspetivas e desafiem as câmaras de ressonância geradas por algoritmos. Ao fomentar a literacia e a consciência digitais, as instituições podem capacitar os públicos a superar os efeitos restritivos da filtragem algorítmica, que, muitas vezes, reduz a exposição a ideias diversas e reforça crenças preexistentes.

4.6 Nada sobre IA sem agentes culturais: Os modelos e sistemas de inteligência artificial com potencial aplicação ou impacto no setor cultural devem ser desenvolvidos em parceria com representantes desse setor e ajustados às suas necessidades específicas. Os decisores políticos devem criar políticas que capacitem os criadores a controlar, usar e rentabilizar os seus dados, de acordo com os seus próprios termos.

5. Condições laborais dos trabalhadores do setor cultural

Reconhecendo os pontos 1, 5, 10, 14, 27, 31, 32, 33 e 37 das recomendações da Carta do Porto Santo: A união é um caminho para criar impacto no setor cultural. Os agentes culturais não só produzem e vivenciam a cultura, como também possuem o poder de transformar paradigmas e renovar as dinâmicas que moldam as condições de produção e disseminação cultural. Por isso, é fundamental que todos nós, enquanto agentes culturais — formais ou informais — conheçamos e compreendamos os parâmetros legais do setor. Esse conhecimento é essencial para que possamos questionar o quadro atual e exigir melhores condições de trabalho, tornando todos conscientes das suas necessidades, direitos e responsabilidades. Para uma mudança coletiva, é necessária uma ação conjunta.

5.1 Proteger os direitos dos trabalhadores do setor cultural: As instituições culturais devem atender aos direitos dos seus trabalhadores e colaboradores. Os governos podem fortalecer os sistemas de monitorização para verificar o cumprimento dos direitos dos trabalhadores culturais, oferecendo apoio jurídico a artistas emergentes e trabalhadores do setor, em casos de violação desses direitos. Simultaneamente, os trabalhadores culturais e a sociedade civil devem intensificar as suas ações coletivas, consolidando redes e sindicatos.

5.2 O estatuto importa — valorizar a cultura: Comprometer-se com a adoção de uma nova legislação que reconheça, tanto a nível nacional como internacional, o estatuto e as condições de trabalho de artistas e trabalhadores culturais.

5.3 Do voluntário ao profissional — proteger os trabalhadores culturais emergentes: Os jovens iniciam, muitas vezes, as suas carreiras como voluntários ou estagiários. Esta Adenda defende a regulamentação do voluntariado juvenil e dos estágios no setor cultural para prevenir a exploração de jovens e trabalhadores emergentes.

5.4 Informar-se para participar: Criar centros de informação que ofereçam a artistas emergentes e trabalhadores culturais orientação e aconselhamento sobre questões financeiras e direitos laborais, promovendo a literacia financeira e o conhecimento dos direitos e liberdades fundamentais no setor.

5.5 Lutamos por um mundo melhor: É essencial disponibilizar aos jovens dados concretos sobre as carreiras artísticas e o funcionamento do setor cultural, com destaque para a sua contribuição no crescimento económico e a criação de empregos. Além disso, é fundamental incluir na educação secundária e na formação superior temas como literacia financeira, legislação cultural e oportunidades de carreira no setor.

Estas medidas podem preparar os jovens para enfrentar os desafios do mercado, escolher conscientemente as suas carreiras, valorizar o potencial do setor cultural e compreender o impacto positivo da cultura na sociedade e na economia.

6. Educação cultural e artística

Reconhecendo os pontos 1, 2, 3, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 25, 26, 28, 34 e 37 das recomendações da Carta do Porto Santo:

As instituições educativas e culturais devem atuar em conjunto. Os processos educativos são essenciais para as instituições culturais. Apenas as instituições que se preocupam, que reorientam a sua missão para as necessidades dos cidadãos à sua volta e que permanecem comprometidas com os seus contextos, se tornarão indispensáveis, ao provarem a sua relevância e a necessidade da sua continuidade.

Além disso, as escolas, enquanto polos culturais, promovem experiências de aprendizagem complementares, que integram ferramentas digitais, estimulam o envolvimento emocional e garantem uma representação concreta ao incorporar artes, cultura e património na vida dos alunos e das suas comunidades — transformando-as não em eventos ocasionais, mas numa parte essencial, acessível e enriquecedora da aprendizagem quotidiana.

É fundamental capacitar docentes e mediadores culturais e artísticos como elos de ligação, trazendo experiências culturais diversas, criativas, significativas e contínuas para a aprendizagem, nos âmbitos formal, não formal e informal.

Tudo isto exige uma responsabilidade partilhada entre os setores cultural, educativo, público e privado, bem como a sociedade civil. Além disso, é necessário considerar mudanças políticas, legislativas e estruturais para possibilitar a redefinição e a plena integração de uma visão intersectorial que una cultura, artes e educação.

6.1 Entre escolas e instituições culturais: Fortalecer a colaboração entre instituições educativas e culturais através de mediadores artísticos e culturais, enquanto agentes relacionais que facilitam o intercâmbio, promovendo a acessibilidade, a diversidade e processos de aprendizagem experimental que ligam as instituições, comunidades, famílias, docentes, artistas e alunos.

6.2 A escola como um espelho: Os currículos escolares devem espelhar a diversidade cultural dos alunos a nível local, nacional e global, garantindo, assim, a sua representatividade e relevância. Através da formação contínua dos professores e educadores em criação artística contemporânea, abrangendo diversos domínios culturais, conceitos, práticas e métodos, e com uma maior participação dos alunos nas decisões sobre os seus processos de aprendizagem, os programas tornar-se-ão mais ajustados às necessidades e interesses dos jovens e das comunidades.

6.3 Um pouco de arte e cultura por dia faz bem: A educação cultural e artística não deve ser encarada como um evento isolado, mas sim como componente essencial da vida escolar, tanto dentro como fora do espaço da escola, reconhecendo que todos os contextos sociais e artísticos têm um potencial educativo. É preciso normalizar as experiências culturais, fazendo das artes e das culturas uma presença contínua e quotidiana na vida dos alunos, em vez de uma ocorrência rara ou excecional. Ao incorporar as artes no currículo como uma prática transversal, os alunos e as comunidades educativas podem vivenciar a sua dimensão cultural de forma mais plena, contribuindo para aumentar a alegria, a felicidade, o bem-estar físico e mental, a motivação, o sentido de propósito, a conexão e o sentimento de pertença.

6.4 O sucesso é um sentimento: O sucesso na educação cultural e artística deve ser avaliado não apenas por dados quantificáveis, mas também pelo impacto cognitivo, emocional e sensorial que proporciona. Em vez de se focarem exclusivamente em avaliações quantitativas, os professores podem analisar as aprendizagens dos alunos com base em critérios como autonomia, criatividade, autodescoberta, autoexpressão, alegria, curiosidade, envolvimento e colaboração, considerando as relações com os outros e com a comunidade em geral. Esta abordagem valoriza o crescimento pessoal, cognitivo e emocional, juntamente com o desenvolvimento de competências, como resultados essenciais da educação cultural e artística.

6.5 Matchmaking cultural: Recorrer ao *matchmaking* digital para ligar as escolas a experiências culturais locais, que permitem aos professores e educadores explorar e escolher atividades relevantes que relacionem patrimônios, culturas, artes e currículo. Esta plataforma permitiria às escolas identificar e estabelecer parcerias com instituições locais e regionais alinhadas com os seus objetivos educativos, garantindo aos alunos uma experiência cultural atualizada, plural e acessível.

6.6 A escola como polo cultural: As escolas devem emancipar os cidadãos e incentivá-los a participar mais ativamente na vida cívica, assumindo o papel de agentes culturais e promotores de uma democracia cultural fundamentada no pluralismo, na participação, na partilha de poder e na valorização das diferentes culturas. Tornar esta transformação visível pode gerar dois efeitos: ampliar a diversidade e a riqueza cultural de forma geral e reconhecer o papel criativo dos alunos de diferentes origens e contextos, capacitando-os para um futuro como cidadãos culturalmente ativos.

6.7 Tornar-se ex-tituições: Destacar as instituições que se dedicam especialmente a servir melhor a comunidade. Abrir-se e mostrar-se. Colocando as pessoas no centro das suas ações, reconhecendo que não são neutras e que assumem a sua incidência política. As instituições culturais e educativas devem negar a perpetuação de preconceitos e exclusão. Devem convidar as pessoas a colaborar, em vez de as tratar apenas como consumidoras. Deixar de fazer *para* e começar a fazer *com*.

Um anexo incompleto

(aberto a todos os que queiram contribuir com exemplos)

Este Anexo à Adenda dos Jovens à Carta do Porto Santo — Caldas da Rainha/ Loulé, embora incompleto, reúne exemplos concretos que ilustram as recomendações apresentadas. O seu objetivo é oferecer uma perspetiva prática e inspiradora sobre como as orientações da Carta podem ser aplicadas com eficácia em diferentes contextos e escalas. Acreditamos que estas referências servirão como fonte de inspiração e guia para ações e projetos futuros alinhados com os objetivos traçados.

1. Participação cultural e cidadania

a) **Blikopeners, Amesterdão, Países Baixos:** É um grupo de Jovens, entre 15 e 19 anos contratados pelo Museu Stedelijk, em Amesterdão. Este grupo de jovens, com mais de 15 anos, integra-se plenamente no museu e atua como mediador cultural, conduzindo visitas guiadas para destacar as perspectivas juvenis sobre as coleções e exposições de arte. Opera de forma independente dentro do Museu Stedelijk, gerindo a conta TikTok da instituição e contando com uma equipa própria para as redes sociais. Participa também na coorganização de diversos eventos realizados no museu. Mais informações: <https://www.stedelijk.nl/en/museum/blikopeners>

b) **Conselho Consultivo Jovem (CCJ) do CAM, Centro de Arte Moderna Gulbenkian, Portugal:** O CCJ tem como objetivo integrar as perspectivas e vozes dos jovens na estratégia e programação do CAM. O seu principal objetivo é promover um diálogo colaborativo entre os jovens e a equipa, centrado nas necessidades e interesses das novas gerações, com ideias e sugestões que orientam a programação, o trabalho curatorial, a comunicação e as ações educativas. Esta colaboração possibilita uma participação ativa dos jovens nos processos de tomada de decisão, contribuindo para definir o rumo futuro do CAM e fortalecendo uma ligação mais próxima e significativa com o seu público jovem. Mais informações: <https://gulbenkian.pt/cam/projetos/imagina/conselho-consultivo-jovem-23-24/>

c) **Produtores da Tate Collective, Reino Unido:** É um Grupo de Jovens, entre os 15 e os 25 anos, que colabora regularmente com artistas, através da criação de oficinas, organização de eventos e exposições dirigidos ao público jovem na Tate St Ives, em Liverpool e em Londres. Não é exigida experiência prévia. Mais informações: <https://www.tate.org.uk/tate-collective/producers>

d) **Programa Jovem Sesc São Paulo, Brasil:** É um Programa liderado por adolescentes e jovens adultos, entre os 13 e os 29 anos, promovido pelo Sesc São Paulo. Reúne iniciativas criadas por, para e com jovens, como festivais, cursos e *slams*. Entre os seus objetivos estão a desconstruir estereótipos e preconceitos sobre a juventude e fomentar o desenvolvimento do potencial juvenil. Mais informações: <https://www.sescsp.org.br/editorial/o-que-e-o-programa-juventudes-do-sesc-sao-paulo/>

e) **Associação Polaca da Juventude, Polónia:** Esta associação amplifica a voz dos jovens, ao colaborar com organizações dedicadas à juventude e promover a sua participação na vida social, através da integração da comunidade jovem. Organiza diversos programas e campanhas sociais, desenvolvendo iniciativas que estimulam a educação cultural e o envolvimento juvenil. Mais informações: <https://en.polishyouth.org/>

f) **Festival DRUGAJANJE da Bunker, Eslovénia:** Organizado pela Bunker, este festival traz a arte performativa contemporânea às gerações mais jovens e a cidades fora de Liubliana, onde está concentrada a maior parte da cena contemporânea nacional. Ao contrário dos espetáculos tradicionais dirigidos a jovens, o DRUGAJANJE preserva um perfil artístico contemporâneo marcante, exibindo teatro e dança de vanguarda. Ao longo dos anos, evoluiu para um festival de cariz internacional, dando ênfase a trabalhos orientados para o processo, que se envolvem com contextos locais e proporcionam uma experiência cultural nova e dinâmica para o público jovem. Mais informações: [Druganje - a short festival of contemporary art and dance](#)

g) **Generation to Generation (G2G), Eslovénia:** Um Programa de teatro centrado nos jovens, promovido pelo Glej Theatre, em Liubliana, desde 2013. Foi criado com o objetivo de colmatar a falta de oportunidades criativas para esta faixa etária. O G2G permite que os participantes explorem livremente temas relevantes para as suas vidas, com a orientação de mentores profissionais, garantindo que as produções reflitam as vozes dos jovens criadores. Fomenta a cooperação internacional através de projetos europeus, valoriza a aprendizagem experimental e elimina barreiras como audições ou o preço das entradas, tornando o teatro acessível a todos. O seu sucesso reside na abordagem focada nos jovens, que tem produzido consistentemente espetáculos dinâmicos, impactantes, tanto para o público como para os profissionais. Mais informações: [Glej, Gledališče - Generation to Generation](#)

h) **Kinotrip, Eslovénia:** É uma Iniciativa Cinematográfica liderada por jovens da Kinodvor, que envolve participantes entre os 15 e os 19 anos na curadoria e organização de experiências cinematográficas para os seus pares. O programa inclui o Festival Internacional de Cinema Kinotrip, realizado anualmente, eventos cinematográficos ao longo do ano e o Clube de Cinema Kinotrip, onde os membros selecionam filmes e organizam atividades relacionadas, como debates com cineastas, workshops e encontros sociais. Os participantes ganham experiência prática em curadoria, produção e gestão de eventos, incentivando a criatividade e a ligação através do cinema. Mais informações: <https://www.kinodvor.org/en/kinotrip/>

i) **Festival de Escrita Comprometida por Vodnikova domačija e Instituto 8 de março, Eslovénia:** Este festival, comissariado e organizado por jovens com mais de 16 anos, inclui pequenos-almoços com autores, um intercâmbio de poesia em que jovens poetas escolhem um autor da sua preferência e preparam uma leitura pública para partilhar poemas entre si e com o público, além de espetáculos baseados em obras literárias e mesas-redondas organizadas. Todas as atividades são planeadas e realizadas pelos jovens, com o apoio da Vodnikova Domačija: <https://itn-fest.si/>

j) **Radio Slovenija, Programa Ars, Podcast Apples, Pears and Books, Eslovénia:** Neste podcast, um estudante do ensino secundário, entre 15 e 19 anos, conversa com um escritor convidado sobre os seus livros ou outros temas. A conversa desenvolve-se de maneira acessível e descontraída, funcionando como uma plataforma para explorar o universo da literatura com curiosidade. Mais informações: <https://ars.rtv slo.si/podcast/jabolka-hruske-in-knjige/173251517>

k) **Associação de Cultura e Educação IMPRO, Eslovénia:** Esta ONG apoia os jovens no teatro de improvisação, oferecendo plataformas para espetáculos, campos de férias e formação em artes performativas, ensino, moderação de eventos e produção técnica. Com mais de 80% dos seus membros abaixo dos 30 anos, garante a participação ativa dos jovens em todos os níveis de organização, mentoria e desempenho. Os seus principais programas incluem a ŠILA (Liga de Improvisação Escolar), uma tradição com quase 30 anos, e o *Bodi ga treba*, um programa educativo focado em mentoria em espaços seguros e inclusivos. Mais informações: <https://www.drustvoimpro.si/>

l) **Tantarantana, Espanha:** Este centro de criação e atuação teatral acolhe e apoia companhias e artistas, possibilitando o desenvolvimento dos seus processos de pesquisa e criação. Constitui um espaço fértil para a compreensão mútua, centrado na juventude, no bairro, na cidade e em novos públicos. O conceito dá prioridade aos artistas sobre os produtos e destaca a exploração de novas linguagens teatrais e cénicas, através de um diálogo contínuo com os jovens, a comunidade e o contexto social. É um Teatro que tem como objetivo fomentar o desenvolvimento e a formação de novos talentos, sendo mais do que um simples local de exibição de espetáculos: é um polo de criação, onde projetos cénicos inovadores podem florescer num ambiente seguro. Mais informações: <https://ajuntament.barcelona.cat/fabriquescreacio/en/fabriques/fabrica-a-fabrica/tantarantana>
<https://tantarantana.com/creacio-i-complicitats/projecte-comunitari-fabrica-creacio/>

m) **Pop the Vote! A cultura no boletim de voto, EU (2023–2024):** É um Projeto da Culture Action Europe, cofinanciado pelo Parlamento Europeu, que tem como objetivo mobilizar jovens europeus para as eleições ao Parlamento Europeu de 2024, através da cultura. Em 14 países da UE, 44 jovens artistas e estudantes de arte, chamados Changemakers, realizaram 103 eventos culturais, envolvendo mais de 46 mil participantes. O projeto capacitou os jovens a recorrer ao ativismo, à interação com o público e a campanhas públicas para fortalecer a democracia europeia e incentivar a participação cívica. Mais informações: [Pop the Vote! Culture on the Ballot – Culture Action Europe](#)

n) **Associação Europeia de Estudantes para o Património Cultural ESACH:** As atividades promovidas pela ESACH oferecem aos jovens *um lugar à mesa*, pois trabalha estratégias para capacitar jovens e recém-chegados na área da gestão cultural. Os resultados da rede ESACH podem ser explorados para compreender, através de investigações e campanhas, as competências necessárias para que jovens profissionais liderem o setor do património. Mais informações: <https://www.esach.org>

o) **NEMO — Inclusão da comunidade LGBTQIA+ nos museus europeus — Um guia incompleto:** Além de oferecer uma visão geral das políticas relevantes, o guia apresenta cenários e sugestões práticas para tornar os museus espaços mais respeitosos e acolhedores para as pessoas, culturas e histórias LGBTQIA+. Mais informações: https://www.ne-mo.org/fileadmin/Dateien/public/Publications/NEMO_report_LGBTQIA_inclusion_in_European_museums-An_incomplete_guideline_2024.pdf

p) **Espectador Emancipado, Fábrica das Ideias, Centro Cultural de Belém (CCB), Portugal:** Espectador emancipado é uma ideia da Fábrica das Artes, Centro Cultural de Belém (CCB), que reúne um grupo de jovens (15-18 anos) com o objetivo de selecionar espetáculos para construir um projeto cultural autónomo. Para que a programação se realize, são realizadas sessões plenárias, debates temáticos e oficinas experimentais com um grupo de artistas convidados. Assim, neste clube, jovens e artistas encontram-se; partilham linguagens e vocabulários; experimentam processos criativos; conhecem o que acontece nos bastidores; questionam processos — suas formas de imaginar, inspirar, pesquisar, criar, construir, experimentar, escolher — pertencem a um lugar e têm voz. Mais informações: <https://www.coffeepaste.com/artigo/madalena-walenstein-e-o-espectador-emancipado/>

2. Desigualdades no acesso à cultura

a) **Habitar no Palácio, Mancomunidad del Valle del Jerte, Espanha:** Este projeto foi criado para revitalizar o Palacio del Cerezal, um edifício histórico que estava subutilizado. Com a participação ativa das comunidades locais, o espaço foi convertido num centro cultural multifuncional, servindo como palco para atividades artísticas, culturais e educativas. O processo, de carácter colaborativo, permitiu aos residentes contribuir com ideias e envolver-se em iniciativas que espelhavam a sua identidade e respondiam às necessidades locais, promovendo um sentido de pertença e valorização do património comunitário. Mais informações: <https://habitarelpalacio.wordpress.com/>

b) **Cultura com Sotaque, Galaxxia, Espanha:** programa de intercâmbio cultural, que estimula a mobilidade e a colaboração entre áreas urbanas, periurbanas e rurais. A iniciativa foca-se em fortalecer as ligações físicas e emocionais entre estes territórios, criando espaços de diálogo e vivências partilhadas. Ao conectar comunidades de diferentes regiões, destaca as expressões culturais únicas de cada uma e promove a compreensão mútua. Através de projetos colaborativos, workshops e apresentações, o programa consolida as relações entre populações urbanas e rurais, reduzindo distâncias e usando o intercâmbio cultural como instrumento de coesão social: <https://radio.lacasaencendida.es/programas/cultura-acento/>

c) **Harinera, Ll.malo H, Conselho de Saragoça, Espanha:** *Harinera* é um projeto cultural instalado num antigo moinho de farinha, transformado num espaço gerido pela comunidade. Baseia-se no orçamento participativo para a cultura, envolvendo tanto as administrações públicas como comunidades intergeracionais na colaboração para financiar e gerir atividades culturais. Esta iniciativa permite aos habitantes locais participar nas decisões sobre a programação cultural e a alocação de recursos, promovendo um sentido de apropriação e capacitação. A abordagem do projeto fomenta o desenvolvimento dos direitos culturais e valoriza a cultura local, oferecendo um espaço onde a comunidade se pode envolver em diversas expressões artísticas e culturais. Mais informações: <https://harinerazgz.wordpress.com/acerca-de/>

d) **JOBO, Conselho de Madrid, Espanha:** JOBO é uma iniciativa de transportes públicos desenhada para tornar o acesso à cultura mais equitativo, através da melhoria das opções de transporte e da implementação de preços dinâmicos. O programa foca-se em oferecer transportes acessíveis e económicos, permitindo aos habitantes chegar a locais e atividades culturais por toda a cidade. O modelo de preços dinâmicos assegura que as oportunidades culturais estejam ao alcance de todos, independentemente da condição económica, atendendo à necessidade urgente de melhorar os transportes públicos. Ao facilitar a participação em eventos culturais, JOBO contribui para ampliar o acesso equitativo à cultura em Madrid. Mais informações: <https://www.madrid-destino.com/cultura/jobob>

e) **Hackers Rurais, Espanha:** Este projeto visa capacitar as comunidades rurais, disponibilizando recursos e plataformas digitais que as conectem a oportunidades culturais e artísticas. A iniciativa fornece ferramentas e formação para auxiliar as pessoas das zonas rurais a aceder a informações sobre eventos culturais, workshops e projetos criativos, que, sem isso, poderiam ser de difícil alcance devido ao isolamento geográfico. Ao promover a literacia digital e permitir o envolvimento das comunidades rurais em atividades culturais, os Hackers Rurais reduzem a distância entre o acesso cultural urbano e rural, empoderando os indivíduos para participarem ativamente na paisagem cultural. Mais informações: <https://www.ruralhackers.com/>

f) **MON para Todos, Brasil:** É um programa criado pelo Museu Oscar Niemeyer para ampliar o acesso de pessoas com deficiência ao acervo e às atividades oferecidas pela instituição. Para pessoas com cegueira ou deficiência visual, inclui legendas em braille, maquetes táteis, audioguias, esculturas originais e réplicas em miniatura. Mediante marcação prévia, oferece atividades com tradução para a Língua Gestual Brasileira para pessoas com deficiência auditiva. Um serviço específico para pessoas com perturbações do espectro autista proporciona uma Sala de Acomodação Sensorial, um espaço especialmente concebido para pessoas neurodivergentes que precisem de um local reservado, com estímulos reduzidos, para se reorganizarem durante uma eventual crise desencadeada pela visita. Mais informações: <https://www.museuoscarniemeyer.org.br/en-us/educativo/programas/monparatodos>

g) **The Roundhouse, Londres, Reino Unido:** Este programa de acessibilidade disponibiliza diversos serviços para assegurar a plena inclusão de pessoas com deficiência no espaço. Com adaptações arquitetônicas e recursos como um guia visual, o seu compromisso visa tornar a experiência de todos mais agradável. Mais informações: <https://www.roundhouse.org.uk/visit/accessibility/>

h) **Pintura Invisível, Série de Debates sobre Arte, por Wojewódzki Ośrodek Animacji Kultury:** Vencedor de um concurso de bolsas do ENCC 2024 Up Grants. Os participantes exploram pinturas famosas sem recorrer à visão, utilizando outros sentidos. Este projeto foi concebido tanto para pessoas com deficiência visual como para pessoas sem esta condição, promovendo competências inovadoras através de experiências multissensoriais e inclusivas da arte. Mais informações: <https://woak.pl/projekt/niewidzialny-obraz-seria-dyskusji-o-sztuce/?lang=en>

i) **Museu da Cidade de Chorzów – Desde o início, Polónia:** Este projeto representou uma transição completa para práticas participativas e inclusivas, lideradas pelo Museu da Metalurgia em Chorzów. Focado em reduzir o fosso geracional, o museu envolveu ativamente os jovens de Chorzów, integrando as suas ideias para criar um espaço cultural dinâmico, acessível e interativo. Os jovens sugeriram transformar o museu num centro inspirador de conhecimento e entretenimento, com uma exposição permanente simples, complementada por exposições temporárias rotativas e eventos interativos, como workshops, debates, jogos educativos e concursos. As propostas incluíam experiências multissensoriais, com música, sons da cidade, sensações táteis (como chuva simulada) e inovações tecnológicas, como óculos de realidade virtual. Imaginaram ainda o museu como um ponto de encontro criativo, onde grupos de jovens pudessem usar a exposição como inspiração para criar e apresentar obras de arte, fotografia, teatro ou música a públicos mais amplos. Este modelo participativo transformou o museu num espaço cultural vibrante e acolhedor para os jovens. Mais informações: <https://muzeumhutnictwa.pl/oddzial-od-nowa/>

3. Inclusão vs. hierarquias e elitismo

- a) **ArtMuseumTeaching.com**: Esta é uma comunidade digital e um fórum colaborativo online que promovem a reflexão sobre questões críticas no âmbito dos museus, abrangendo temas como ensino, aprendizagem, envolvimento comunitário, equidade, inclusão, justiça social e prática reflexiva. Desafiar a classificação de culturas e promover a emancipação de grupos culturais oprimidos constitui o cerne da sua missão. Mais informações: <https://artmuseumteaching.com/>
- b) **MArteLive, Italy**: Festival italiano e internacional em rede, «multiartístico» e multidisciplinar, que promove diversos tipos de artes e expressões culturais, reunindo-as num único espaço e quebrando os silos que geram hierarquias. Mais informações: <https://martelive.it/il-format/>
- c) **SILO, Bélgica**: Projeto histórico do programa Europa Criativa cujo objetivo era tornar a literatura estrangeira europeia acessível a todos, com especial enfoque em grupos que habitualmente não têm contacto com essas obras. A sua abordagem participativa destaca-se pela forma como envolveu diversos grupos de cidadãos — como refugiados, doentes hospitalares, jovens adultos, reclusos, estudantes do ensino secundário e idosos —, organizando eventos no seu contexto quotidiano e proporcionando situações em que cada participante podia desempenhar o papel de escritor ou contador de histórias. Mais informações: <https://www.warande.be/pQkPrI8/europees-project-silo>
- d) **Laboratório das Gerações Futuras, Lovaina, Bélgica**: O Laboratório envolve ativamente jovens entre os 17 e 27 anos na exploração dos seus talentos, tanto no presente como para o futuro. Um conselho consultivo dedicado, composto por 10 jovens participantes nas iniciativas juvenis de Lovaina, colabora na construção do futuro. A Câmara Municipal serve como ponto central e base para imaginar e moldar a cidade de amanhã. Nas suas instalações, conectam-se harmoniosamente o presente, o passado e o futuro. Em 2029, espera-se que se transforme numa casa aberta, acolhendo habitantes, visitantes e turistas de Lovaina. É um espaço onde as histórias da cidade ganham vida, incentivando a reflexão sobre o futuro. Mais informações: <https://www.fti-and.be/en/festival/future-generations-lab-future-fusion>
- e) **Ensembles Emergentes Europeus, Ambronay Centre Culturel de Rencontre, França**: Esta iniciativa combina um notável monumento histórico com um projeto cultural assente num festival de música. Ambronay dedica-se à criatividade artística, ao envolvimento do público, à investigação e à promoção de jovens talentos. Através do seu prestigiado festival de música antiga, desenvolveu um programa ambicioso de apoio à integração profissional de jovens artistas criativos, destacando-se o projeto *Ensembles Emergentes Europeus*. O centro promove a participação de amadores e o contacto do público com a cultura num ambiente patrimonial. Estabelece ainda pontes entre cultura, turismo e economia, através da criação de um clube de negócios e de um centro de conferências, além de gerir a sua própria editora discográfica, a Ambronay Editions. Mais informações: <https://www.accr-europe.org/en/network/Members/ambronay-ccr>

f) **Guia de Cultura Trans-Inclusiva, Reino Unido:** *Trans-Inclusive Culture: Guidance on advancing trans inclusion for museums, galleries, archives and heritage organisations* é um guia ético desenvolvido pelo Centro de Investigação de Museus e Galerias (RCMG) da Universidade de Leicester, em parceria com uma equipa de juristas e especialistas em inclusão, igualdade e ética, focado em tornar os museus mais inclusivos para pessoas *trans*. O guia apresenta diversos cenários com estratégias e soluções práticas, concebidas para fortalecer competências, conhecimentos e confiança de quem trabalha nesta área. Mais informações: <https://le.ac.uk/rcmg/research-archive/trans-inclusive-culture>

g) **Como ser Muitos? Kaaithheater, Bélgica:** *Como ser Muitos?* é a questão central da programação do Kaaithheater, em Bruxelas, desde 2019. Quando Agnes Quackels e Barbara Van Lindt assumiram a direção artística, comprometeram-se a criar um teatro de múltiplas vozes. *Como podemos tornar-nos inclusivos a partir da nossa diversidade real? Como é que isso se reflete nas formas de gerir e fazer escolhas artísticas?* foram algumas das questões levantadas. Desde então, guiado pela pergunta *Como Ser Muitos?*, o Kaaithheater tem explorado novas estratégias de participação e mediação. Mais informações: <https://kaaithheater.be/en/about-us>

h) **Festival Iminente, Portugal:** Com uma missão social e inclusiva profundamente enraizada, o festival procura criar um espaço onde pessoas de todos os contextos possam reunir-se para partilhar e celebrar a diversidade. Através da música, da arte, do espetáculo e do diálogo, o Iminente fomenta um sentido de pertença, convidando os indivíduos a descobrir a riqueza de diferentes culturas e perspetivas. Vai além do entretenimento convencional, promovendo ativamente a coesão social e a inclusão, garantindo que artistas e públicos de diversas origens sejam representados e valorizados. Seja através de workshops, colaborações ou debates abertos, o Iminente oferece uma plataforma para dar visibilidade a vozes e talentos sub-representados, tornando-se numa experiência acessível e acolhedora para todos. Mais informações: <https://www.festivaliminente.com/>

i) **MAV Ferramenta de igualdade MAV, Spain:** Espanha: Esta aplicação, desenvolvida pela Associação de Mulheres nas Artes Visuais (MAV), é uma ferramenta útil para museus que queiram realizar um autodiagnóstico, permitindo-lhes avaliar e visualizar os parâmetros em que promovem ou não a igualdade e o respeito pela diversidade na sociedade. Mais informações: [MAV Equality Tool Stats Page | MAV](#)

j) **EARTDI, Grupo de investigação de excelência em Educação Artística, Inclusão Social e Arteterapia, Espanha:** Desde 2003, este grupo tem desenvolvido projetos nacionais, europeus e internacionais focados na igualdade de género, justiça social e arteterapia como meio de inclusão psicoemocional. Entre eles destacam-se: *Diversity*, um projeto sobre arte e diversidade no museu e na cidade para jovens; *Power*, uma iniciativa sobre género, poder e empoderamento, através da arte (<https://www.explorepower.eu>); *Aletheia*, um projeto centrado em arte, terapias artísticas, trauma e memória emocional (<https://www.ucm.es/aletheia/que-es-aletheia>); e *Brundibar*, que explora o processo criativo e a arteterapia como formas de bem-estar perante o trauma na infância e adolescência (<https://www.ucm.es/brundibar/>). Mais informações: <https://www.ucm.es/eartdi/el-grupo>

k) **Mulheres Transformam os Museus, Ministério da Cultura, Espanha:** Da memória dos objetos à memória das mulheres. Os 16 museus estatais sob a tutela da Direção-Geral do Património Cultural e das Belas Artes do Ministério da Cultura, em Espanha, servem de palco para vídeo-cartas realizadas por mulheres, com o intuito de resgatar memórias ocultas — ora destacando grandes criadoras, ora dando visibilidade a figuras anónimas, quotidianas, mas essenciais, que foram inexplicavelmente apagadas dos manuais escolares. Estas vídeo-cartas recuperam o poder de estabelecer uma ligação entre quem as envia e quem as recebe, utilizando o património cultural preservado nos museus — objetos que, pelo seu valor histórico e simbólico, ligam o passado, o presente e o futuro, unindo, neste caso, os saberes, as vozes e as vivências de diversas mulheres. Assim, resgatam-se os fios entrelaçados e invisibilizados pela perspectiva androcêntrica, oferecendo uma inspiração poderosa para reinterpretar o património sob uma ótica de género.

l) **EMPOWER, Espanha:** Esta organização atua na área da mediação e da educação cultural, promovendo ações, metodologias e práticas que visam transformar as instituições culturais em espaços mais inclusivos, equitativos e diversos. Desenvolve programas de formação e iniciativas para fomentar uma nova visão institucional e estabelece parcerias entre universidades, instituições culturais, comunidades e entidades sociais, com o intuito de partilhar saberes e ampliar o impacto das suas ações. Mais informações: <https://www.empower.org.es>

m) **The ŠILA, programa de teatro de improvisação, Eslovénia:** Este programa, apoiado numa ampla rede, oferece aos estudantes do ensino secundário acesso à criatividade teatral, formando jovens mentores, produtores e outros criadores de teatro. Inclui ainda teatro inclusivo e projetos transdisciplinares, como *Everything is Fine* e *Shame on You!*, desenvolvidos por artistas com estudantes do ensino secundário no âmbito do projeto europeu ConnectUp, do Teatro de Marionetas de Liubliana, e do programa Radio Študent, que, nos seus projetos educativos anuais, proporciona formação profissional a oradores, técnicos e jovens jornalistas. Faz também parte o programa educativo do Instituto Kersnikova RampaLab, que prepara jovens mentores e artistas *intermedia* para dinamizar workshops para crianças. Mais informações: <https://www.cd-cc.si/en/culture/theatre-and-dance/sila-grand-final-2425>

4. Cultura digital e desafios éticos

a) **EducaMídia, Brasil:** Este programa de educação para os media foi concebido para formar professores e organizações educativas, promovendo também o envolvimento da sociedade na educação mediática dos jovens, potenciando as suas competências de comunicação em diversos formatos. As ações do programa focam-se em dar autonomia aos jovens e capacitá-los para lidarem com diferentes meios de comunicação. Mais informações: <https://educamidia.org.br>

b) **Ensino de IA na escola, Piauí, Brasil:** A rede pública de ensino do estado do Piauí passou a incluir o ensino de inteligência artificial (IA) para os seus alunos. A maioria dos professores, com formações variadas, estabelece uma ligação entre os conteúdos e o contexto local, estimulando o pensamento crítico dos alunos e o aproveitamento desta tecnologia. Numa reportagem do Globo Repórter, alunos, professores e pais partilham o que aprenderam com a utilização da IA. Mais informações: <https://www.pi.gov.br/noticia/unesco-reconhece-piaui-como-primeiro-territorio-nas-americas-a-implementar-o-ensino-de-inteligencia-artificial-na-educacao-basica>

c) **Público na Escola, Portugal:** Este projeto de educação para os media, criado pelo jornal diário Público, teve início em 1989 e, desde então, tem-se focado no apoio à produção de jornais escolares como forma de explorar os *media* de uma perspetiva prática. O seu lema é *aprender a fazer fazendo*. Através de ferramentas digitais, fomenta a interação com pessoas fora das bolhas habituais, o trabalho em equipa e o pensamento crítico. Mais informações: <https://www.publico.pt/publico-na-escola>

d) **Aliança Ética para a IA:** A Carta da Ética da Inteligência Artificial (IA), pioneira nesta área, reúne numa aliança sem fins lucrativos empresas tecnológicas de topo, instituições académicas e grupos de apoio, comprometidos com o desenvolvimento ético da IA. Uma das suas prioridades é o envolvimento comunitário, em harmonia com os objetivos desta Adenda. Mais informações: <https://ethicalaialliance.org/charter>

e) **Grupo de Ação para o Digital e a IA:** A Culture Action Europe e a Michael Culture Association criaram este grupo de apoio para promover uma abordagem mais ética nas políticas digitais da UE, na perspetiva dos setores cultural e criativo. [A declaração de missão está disponível aqui.](#)

f) **Grupo de Trabalho de Ética Digital da ENCC:** Este grupo, criado pela Rede Europeia de Centros Culturais (ENCC), reúne-se para debater e desenvolver estratégias que visem integrar ferramentas digitais mais éticas e sustentáveis no dia a dia das organizações culturais. Um dos primeiros resultados destas discussões foi um documento que apresenta propostas para as instituições culturais iniciarem o seu percurso nesta área. Mais informações: <https://encc.eu/articles/digital-ethics>

5. Condições laborais dos trabalhadores do setor cultural

a) **Gravedad 13, Galaxxia, Espanha:** Este projeto tem como objetivo oferecer aos jovens a oportunidade de iniciarem as suas carreiras no setor cultural através de estágios e trabalho voluntário. Salienta ainda a importância de regulamentar estas oportunidades para prevenir a exploração de jovens trabalhadores. A iniciativa defende uma remuneração justa, orientação e um enquadramento estruturado, assegurando que os profissionais emergentes não sejam sujeitos a trabalho não remunerado ou desregulado. Ao enfrentar os desafios dos jovens profissionais da cultura, o *Gravedad 13* pretende uma regulamentação e proteção adequadas para aqueles que ingressam no mercado de trabalho cultural. Mais informações: <http://wiki.galaxxia.org/index.php?title=Gravedad13>

b) **A Música Dá Trabalho, Portugal:** O título do projeto *A Música Dá Trabalho* destaca o duplo significado desta expressão, refletindo tanto o esforço e a dedicação necessários para criar música como as oportunidades de emprego que gera em diversas funções na indústria. Através de apresentações em escolas, o projeto procura dar a conhecer aos alunos todo o processo envolvido na realização de um espetáculo musical, desde a criação do conteúdo até ao concerto. Do técnico de iluminação ao gestor de redes sociais, do técnico de som ao assistente de palco, do compositor ao agente, são 22 figuras que orientam os alunos na descoberta das funções desempenhadas antes da música chegar aos seus ouvidos, bem como nas oportunidades de carreira e condições de trabalho associadas. Cada aluno recebe um exemplar do livro *Música Significa Trabalho*, com textos descritivos e ilustrações gráficas. Mais informações: <https://omnichord.pt/a-musica-da-trabalho/>

c) **Trabalho com jovens:** Este é um termo amplo, que engloba um vasto leque de atividades de carácter social, cultural, educativo, ambiental e/ou político, desenvolvidas por, com e para jovens, seja em grupo ou individualmente. O trabalho com jovens é realizado por jovens trabalhadores, remunerados ou voluntários, e assenta em processos de aprendizagem não formal e informal, centrados nos jovens e na sua participação voluntária. Mais informações: <https://www.coe.int/en/web/youth/youth-work>

d) **Ferramenta de Autoavaliação da Diversidade da UE, União Europeia:** Esta iniciativa da União Europeia visa promover a diversidade e a inclusão nas instituições culturais, ao avaliar se os direitos dos trabalhadores estão a ser cumpridos. Integra uma estratégia mais ampla para assegurar a proteção dos direitos dos trabalhadores culturais e oferecer apoio jurídico a artistas e profissionais emergentes do setor. Ao possibilitar que as instituições analisem a sua conformidade com os princípios de diversidade e os direitos laborais, esta ferramenta fomenta um processo contínuo de avaliação e reforça a responsabilização no setor. Mais informações: <https://monimuotoisuusarviointi.fi/en/> e <http://eudiversity2024.eu/eu-diversity-self-assessment-tool/>

e) **Estatuto do Artista, Ministerio de Cultura de España, Espanha:** O *Estatuto do Artista* é um enquadramento jurídico instituído pelo Ministério da Cultura de Espanha para conferir aos artistas e trabalhadores culturais um estatuto próprio, que reconhece as suas contribuições para a sociedade e assegura o acesso a proteções sociais e apoio financeiro. Inclui medidas como benefícios fiscais, prestações de segurança social e suporte financeiro aos processos criativos. Este reconhecimento legal garante aos trabalhadores culturais as condições e os recursos necessários para desenvolverem as suas carreiras de maneira sustentável e digna. Mais informações: <https://www.cultura.gob.es/destacados/estatuto-del-artista.html>

f) **Programa Cultura do Emprego, Fundação Banco Santander, Espanha:** As iniciativas promovidas pela Fundación Banco Santander procuram construir uma sociedade equitativa, inclusiva e sustentável. Estão organizadas em três áreas principais: promover a cultura como instrumento para compreender o mundo à nossa volta, desenvolver ações sociais para apoiar grupos vulneráveis e incentivar o ensino superior, a empregabilidade e o empreendedorismo para fomentar o progresso de indivíduos e empresas. No âmbito da sua área cultural, a Fundação Banco Santander apresenta o *Programa Santander Emplea Cultura*, que visa criar oportunidades de emprego para jovens profissionais da cultura contemporânea e apoiar o crescimento sustentável das organizações culturais. O programa funciona através de convocatórias regulares, incluindo uma para organizações que pretendem preencher vagas na sua estrutura e outra para os candidatos a essas mesmas vagas. Mais informações: <https://www.fundacionbancosantander.com/es/cultura/santander-emplea-cultura>

g) **Código de Práticas Justas, Países Baixos:** Este código de conduta, elaborado pelo setor cultural dos Países Baixos, visa assegurar salários e condições de trabalho justos para artistas e profissionais da cultura, fomentando a transparência e a sustentabilidade nas artes. Mais informações: <https://www.beroepkunstenaar.nl/en/tools/faqs/faq-what-is-fair-practice/>

h) **Jovens Criativos, Barbican Centre, Londres, Reino Unido:** Este programa do Barbican Centre proporciona aos jovens entre os 16 e os 29 anos oportunidades de desenvolvimento de talentos, dotando-os das competências e da confiança essenciais para avançarem nas indústrias criativas contemporâneas. Mais informações: <https://www.barbican.org.uk/take-part/young-creatives>

6. Educação cultural e artística

a) **Plano Nacional das Artes (PNA), Portugal:** Estrutura de missão do Governo português, com um horizonte temporal de 2019-2029, sob a égide do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação, Ciência e Inovação. Estabelece parcerias com a administração local, organizações privadas e a sociedade civil para reduzir as desigualdades de acesso. A missão do PNA é promover a transformação social, mobilizando o poder educativo das artes, das culturas e dos patrimónios na vida dos cidadãos. Os principais objetivos PNA são garantir o acesso e a participação dos cidadãos à fruição, à criação e à produção cultural e artística, diversificar a oferta cultural e educativa, promover o conhecimento e a salvaguarda dos patrimónios, a mediação, a inclusão e a participação seguindo os princípios da Democracia Cultural. Dirige-se a todas as pessoas, com particular atenção às crianças e aos jovens. Mais informações: www.pna.gov.pt

b) **PLANEA, Espanha:** Esta é uma rede estatal de arte e educação, que promove projetos em escolas públicas, onde as artes funcionam como espaços de aprendizagem que potenciam um desenvolvimento empático, sustentável e democrático, capacitando-as para responder plenamente aos desafios das nossas sociedades. Mais informações: <https://redplanea.org/>

c) **Pequena Escola para Boomers, Espanha e Itália:** Esta metodologia pedagógica transforma a aprendizagem tradicional através de workshops comunitários, que combinam a educação artística com outras disciplinas. Visa compreender como os jovens enfrentam a crise ecossocial e como podem ser apoiados de forma mais consciente. O programa subverte os papéis geracionais habituais, com os jovens a desenvolverem o currículo e as metodologias destinadas aos adultos. Divide-se em duas fases: (1) um grupo de adolescentes voluntários, com o apoio de uma equipa de mediação, cria um programa educativo para adultos; (2) educadores adultos, famílias e cuidadores colaboram com os jovens participantes no programa concebido pelos adolescentes. Mais informações: [Hamacaonline | projects | ESCUELITA PARA BOOMERS. Pautas para un proyecto de educación invertida sobre salud mental y justicia ecosocial en Vallecas \(ES\) y San Siro \(IT\)](http://Hamacaonline.com/projects/ESCUELITA-PARA-BOOMERS)

d) **Deslizar, Museu do Prado, Espanha:** *Deslizar* é uma iniciativa criada pelo Museu del Prado que promove a colaboração entre instituições educativas e culturais através de mediadores culturais. Estes atuam como agentes relacionais, facilitando a comunicação e o intercâmbio entre instituições, professores, artistas e alunos. Ao aumentar a acessibilidade e fomentar a diversidade no processo de aprendizagem, o *Deslizar* permite que os alunos se envolvam com a arte e a cultura de maneira educativa, significativa e inclusiva. Este projeto contribui para reduzir a distância entre o sistema educativo formal e as experiências culturais, proporcionando uma plataforma onde os alunos podem aprender num ambiente interativo e dinâmico. Mais informações: <https://www.museodelprado.es/recursos/deslizar-23-24/ee78d910-33ff-4589-ba7e-8a2a49a373a9>

e) **Studio 13/16, Centro Pompidou, França:** Este espaço, criado no Centro Pompidou exclusivamente para jovens, tem como objetivo incentivar os adolescentes a explorar a criatividade e mostrar que os espaços culturais também são ideais para socializar, divertir-se e partilhar experiências. As atividades realizam-se no museu — incluindo workshops, debates, concertos e masterclasses com artistas contemporâneos — e também em escolas e outros espaços culturais. Mais informações: <https://www.centrepompidou.fr/en/visit/children-and-families/studio-13/16#8652>

f) **Percursos de Educação Cultural e Artística (PECA) , Bélgica:** *PECA* (Le parcours d'éducation culturelle et artistique) é uma plataforma digital desenvolvida para estabelecer ligações entre as escolas e experiências culturais locais. Esta ferramenta de *matchmaking* permite aos educadores explorar e selecionar atividades culturais alinhadas com os seus objetivos educativos, oferecendo um amplo leque de opções de instituições locais e regionais. Ao facilitar o acesso a uma programação cultural relevante, o *PECA* assegura que os alunos tenham contacto com diversas experiências culturais, enriquecendo a sua educação e fortalecendo os laços com as artes e a cultura nas suas comunidades. A plataforma simplifica o processo das escolas encontrarem, escolherem e estabelecerem parcerias com instituições que melhor respondam às suas necessidades curriculares. Mais informações: <https://www.peca.be/peca-english/>

g) **UCL Conjunto de ferramentas de medidas de bem-estar dos museus, Reino Unido:** Este recurso, criado pela University College London, permite avaliar o impacto emocional e sensorial das experiências culturais nos alunos, especialmente em contextos museológicos. Este conjunto de ferramentas promove uma mudança na forma como o sucesso na educação cultural é medido, valorizando não só as classificações ou dados quantitativos, mas também o crescimento pessoal e emocional dos alunos. Ao analisar as experiências dos alunos com base em indicadores como alegria, curiosidade e envolvimento, esta abordagem destaca o papel central do bem-estar pessoal e do desenvolvimento sensorial como resultados fundamentais da educação cultural, enfatizando o valor de uma aprendizagem holística que transcende as avaliações tradicionais. Mais informações: https://www.ucl.ac.uk/culture/sites/culture/files/ucl_museum_wellbeing_measures_toolkit_sept2013.pdf.

h) **Prémios Artísticos, Reino Unido:** Este programa incentiva os jovens a desenvolverem-se como artistas e líderes artísticos, ao proporcionar qualificações que reconhecem o seu progresso nas artes e nos setores criativos. Mais informações: <https://www.artsaward.org.uk/site/?id=64>

i) **Youth Exchange Center (YEC), Polónia:** O YEC, uma organização internacional fundada em 2002, atua na área da educação, intercâmbio cultural, programas de estágio, voluntariado e turismo. O seu Programa de Intercâmbio Cultural proporciona aos participantes a oportunidade de partilhar as suas línguas e culturas nativas com comunidades locais, fomentando uma maior compreensão internacional e sensibilidade cultural. Mais informações: <http://yec.pl/about-yec/>

j) **Fundação A Música é para Todos, Polónia:** Este projeto foca-se na responsabilidade, oportunidade e formas para fortalecer o capital criativo da comunidade local. A criatividade, a inovação e a capacidade de colaboração são qualidades essenciais para a sociedade polaca. Um dos caminhos comprovados para atingir este objetivo é a educação artística nas escolas, integrada num programa de educação cultural local. Para criar uma estratégia neste âmbito, é essencial envolver instituições culturais municipais, instituições educativas e organizações não governamentais. Esta colaboração assenta em três princípios: as iniciativas baseadas em parcerias público-privadas ajudam a colmatar lacunas na educação escolar; as instituições culturais participam no programa, propondo novas formas de atividade educativa; e a educação cultural concentra-se na construção de uma identidade local, reforçando o sentido de pertença dos residentes à sua comuna ou bairro. Mais informações: <https://www.muzykajest.pl/>

k) **O Bazar Cultural, Eslovénia:** Este projeto atua como um ponto de encontro nacional para a cultura e a educação artística, ligando instituições educativas, culturais e profissionais da área. É uma iniciativa promovida pelo Ministério da Cultura, pelo Ministério da Educação e pelo Instituto Nacional de Educação da Eslovénia, tendo como produtor executivo o Cankarjev dom Ljubljana. Desenvolvido em parceria com mais de 300 instituições culturais profissionais e trabalhadores culturais ativos em todas as áreas da cultura, a plataforma *Bazar Cultural* serve como um centro de informação abrangente para o projeto nacional, oferecendo atualizações sobre cultura e educação artística, além de dados sobre websites e projetos relacionados, como Golden Wand, Kinobalon e The Golden Pear Label. Inclui ainda um catálogo online de programas de educação cultural e artística. Desde 2009, o Cankarjev dom Ljubljana organiza anualmente o *Bazar Cultural*, um evento nacional de formação profissional com a duração de um dia, dirigido a professores, educadores, trabalhadores culturais, estudantes e ao público especializado. A partir de 2017, as formações nacionais do Bazar Cultural passaram a realizar-se bianualmente numa das regiões da Eslovénia. Desde 2014, o projeto tem focado a criação de uma Rede Nacional de Coordenadores de Educação Cultural e Artística, que estabelece ligações entre instituições educativas, organizações culturais e comunidades locais. Mais informações: <https://kulturnibazar.si/en/>

l) **Criadores EN RESIDÈNCIA, Espanha:** Desde 2009, o Instituto de Cultura de Barcelona (ICUB) e o Consórcio Educativo de Barcelona (CEB) têm promovido o programa *Criadores EN RESIDÈNCIA* nas escolas secundárias de Barcelona. Esta iniciativa pioneira integra a criação contemporânea no ensino secundário público, através da interação contínua e direta entre um criador e os alunos. Desenvolvido em parceria com a Associació A Bao A Qu, o programa convida artistas a conceberem uma obra em colaboração com um grupo de estudantes do ensino secundário (ESO). Durante o ano letivo, e dentro do horário escolar regular, os alunos participam no processo de conceção e criação da obra. Os artistas envolvem-se nas escolas como autores, trabalhando na sua própria criação, enquanto o ensino se realiza, sobretudo, através da participação, do diálogo e da interação direta com a obra e o seu criador. A reflexão e a análise constituem elementos essenciais deste processo de aprendizagem, sendo documentadas e partilhadas em blogues criados para o efeito. Mais informações: <https://www.enresidencia.org/es>

m) **Cinema em curso, Espanha:** Trata-se de um programa educativo que apresenta às crianças e aos jovens o cinema como arte, criação e cultura, explorando simultaneamente o seu potencial educativo. O programa leva realizadores de cinema às escolas para orientar workshops durante o horário escolar, trabalhando em estreita colaboração com os professores para ligar as práticas criativas ao visionamento de filmes. Ao integrar o cinema no currículo, a iniciativa também proporciona formação aos professores e funciona como um laboratório de investigação, onde as experiências dos workshops são analisadas para desenvolver metodologias e materiais adaptáveis a vários contextos educativos. Mais informações: <https://www.cinemaencurs.org/>

n) **A Carta das Artes na Educação Catalunha, Espanha:** A Carta foi concebida no âmbito do Fórum das Artes na Educação, que teve lugar nos dias 1 e 2 de abril de 2022. Este documento visa promover a integração das artes no sistema educativo, destacando o seu papel essencial no desenvolvimento integral dos alunos. Enfatiza a relevância de incorporar práticas artísticas nos currículos escolares para estimular a criatividade, o pensamento crítico e a expressão cultural dos jovens. Sublinha também a importância da colaboração entre instituições culturais e educativas para assegurar um acesso equitativo às experiências artísticas, independentemente do contexto socioeconómico dos alunos. Ao aplicar as orientações propostas, a Carta procura fazer das artes um elemento central da educação, contribuindo para formar cidadãos mais empenhados culturalmente e conscientes socialmente. Mais informações: https://drac.cultura.gencat.cat/bitstream/handle/20.500.12368/31061/FAE_carta_EN.pdf?sequence=6&isAllowed=y

o) **O Plano de Ação para a Cultura e a Educação de Barcelona, Espanha:** Este plano constitui uma visão estratégica que procura fortalecer a ligação entre cultura e educação na cidade. Promove a integração de atividades culturais em contextos educativos, dando prioridade à igualdade de acesso a experiências artísticas e culturais para todas as crianças e jovens. O documento foca-se em incentivar a criatividade, a participação e o pensamento crítico através de iniciativas culturais e da colaboração entre escolas, instituições culturais e organizações comunitárias. Sublinha o papel da educação como força motriz da democratização cultural e das artes como ferramenta para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Através de programas estruturados e abordagens inovadoras, o plano pretende tornar a educação cultural um elemento essencial da aprendizagem, garantindo que todos os cidadãos, independentemente da sua origem, possam participar e beneficiar da vida cultural de Barcelona. Mais informações: https://www.barcelona.cat/barcelonacultura/sites/default/files/carpeta_mg_culturaeducacio_plaaccio_af_hr.pdf

12 de março de 2025

Autores

Alex Martínez
Anabela Conceição
Andrea De Pascual
Anis Oepkes
Carolina Franco
Catherine Stilmant
Clara Passarinho
Inês Câmara
Inês Carvalho Costa
Jade Aura Nunes
Karolina Rozek
Lígia Afonso
Marco Fiore
Miguel Santos
Muriel Lima
Pedro Manuel Colaço
Sara Brighenti
Urša Strehar Benčina

Com o contributo de

Ana Petrovčič
Belén Soto Cachinero
Carlota Quintão
Catarina Figueredo
Corine Szteinsznaide
Edwin van Meerkerk
Gemma Carbó Ribugent
Julia Pagel
Katarina Gorenk
Kim Komljanec
Lígia Ferro
Luiza Moroz
Magdalena Rózycka
Margarida Fragoso
Maria de Assis Swinnerton
Marián López Fernandez-Cao
Marine Sonet
Maud Ntonga
Milda Laužikaitė
Miruna Găman
Nada Požar Matijašič
Natalie Giorgadze
Nataša Bucik
Noa Brighenti
Patrícia Paixão
Paulo Pires do Vale
Piotr Knaś
Piotr Michalowski
Sarah Lockhart
Sergi Díaz Plaza
Stefan Gies
Telma Pereira
Úrsula Mendoza Balcázar

Promotores

Plano Nacional das Artes — Portugal — Ministério da Cultura e Ministério da Educação,
Ciência e Inovação com
LIDA — Laboratório em Design e Artes/Escola Superior de Artes e Design das Caldas
da Rainha, Cátedra UNESCO em Gestão das Artes e da Cultura, Cidades e Criatividade
do Politécnico de Leiria
OEI — Organização dos Estados Ibero-Americanos
Câmara Municipal de Loulé

Co-Produtores

UNESCO

Ministério Federal da Áustria, das Artes, da Cultura, da Função Pública e dos Desportos

Creative Scotland and the National Lottery Home

Instituição cultural da região de Małopolska

Kunstbende Holland

Centro Nacional da Cultura da Letónia

Ministério da Cultura, República da Estónia

Ministério da Cultura, República da Eslovénia

Parcours d'Education Culturelle et Artistique, Federação Valónia-Bruxelas

Fundação Calouste Gulbenkian

Fundação Daniel e Nina Carasso

Fundação para a Ciência do Património, Universidade de Bucareste - Roménia

Fundação Jedność

Rede Europeia ACEnet

Rede Europeia de Observatórios no domínio das Artes e da Educação Cultural (ENO)

Rede Europeia de Centros Culturais ENCC

MCA Network

Rede de Museus Europeus (NEMO)

Observatório da Cultura da Mazóvia, Instituto da Cultura da Mazóvia

Escola de Ciências da Educação, Universidade de Tallinn

Universidade Radboud de Nijmegen

Universidade Complutense de Madrid

Universidade de Edimburgo, Faculdade de Arte

Universidade do Porto

A3S

Article 27 Région du Centre

Câmara Municipal de Liubliana

Câmara Municipal de Lisboa

Central La Louvière

Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha

Comédias do Minho

Escola Secundária Camões

Espace Jeune Binche

Forum des Jeunes

Galaxxia

HAMACA

Heritageeeks

Festival Iminente

Jagora

Kūrybinės Jungtys

Maison des Jeunes Soignies

Mapa das Ideias

Associação Michael Culture

Mj Soignies

Pedagógias Invisibles

Centro de Cultura Juvenil de Pionirski dom, Eslovénia

Jovens

dos

Adenda

ULB Engagée: L'IRAQUI
Youth Empowerment Participation

Coordenação geral do processo de elaboração da Adenda dos Jovens à Carta do Porto
Santo – Caldas da Rainha/ Loulé
Sara Brighenti — Plano Nacional das Artes

Edição e tradução

Julie Ward

Maria João Nunes

Úrsula Mendoza Balcázar

Design

Zé Albergaria

com a colaboração de

Ana do Canto

Contactos

info@pna.gov.pt

<https://portosantocharter.eu/>

Jovens

dos

Adenda

